

HISTÓRIA DA REFORMA

*Apontamentos de
Constantino Ferreira*

SUMÁRIO

Percurso da Reforma até à Península Ibérica

1.	INTRODUÇÃO À REFORMA	2
2.	ANTECEDENTES DA REFORMA	3
3.	A REFORMA LUTERANA	7
4.	A REFORMA ZWINGLIANA	12
5.	A REFORMA RADICAL	16
6.	A REFORMA CALVINISTA	18
7.	A REFORMA NA FRANÇA	19
8.	A REFORMA NA INGLATERRA	22
9.	A REFORMA DOS MORÁVIOS	25
10.	A CONTRA-REFORMA	27
11.	A REFORMA NA ESPANHA	30
12.	A REFORMA NAS AMÉRICAS	32
13.	O AVIVAMENTO PENTECOSTAL	34
14.	A REFORMA EM PORTUGAL	37
15.	EXCESSOS DA REFORMA	43
16.	GRÁFICO DO PERCURSO	45

I

INTRODUÇÃO

A História da Igreja compreende seis períodos que ficaram marcados por acontecimentos importantes, dos quais receberam os nomes.

I	Igreja Apostólica	De Cristo até à morte de João	30 - 100
II	Igreja Perseguida	De João até Constantino	100 - 313
III	Igreja Imperial	De Constantino até à queda de Roma	313 - 476
IV	Igreja Medieval	Da queda de Roma à queda de Constantinopla	476 - 1453
V	Igreja Reformada	Da queda de Constantinopla ao fim da guerra 30 anos	1453 - 1648
VI	Igreja Moderna	Da guerra dos 30 anos até ao presente	1648 - ?

O estudo da Reforma abrange o final do quarto período, o quinto e o sexto. Observaremos como alguns factores importantes contribuíram para o descontentamento do povo e de muitos líderes que levantaram a voz clamando por uma reforma em todos os níveis da sociedade.

A Renascença, com o seu espírito científico, contribuiu muito para o eclodir e o desenvolvimento da Reforma. A imprensa foi grandemente usada para disseminar as ideias reformadoras na Europa. E o nacionalismo alemão foi, por seu lado, a força impulsionadora que a fez avançar e sobreviver.

Lutero, com a sua investigação bíblica, descobriu na Epístola aos romanos que “o justo viverá da fé”. Ele passou, então, a ensinar na Universidade a doutrina da Justificação pela Fé. Estava posto o machado no sistema tradicional romano.

A partir daí desencadearam-se grandes lutas tanto para impor como para travar o avanço da Reforma. Alguns príncipes alemães ajudaram Lutero na sua missão reformadora. A Igreja Romana respondeu com a sua Contra-reforma e perseguições aos “hereges” para impedir o progresso.

Finalmente, o movimento reformador impôs-se e espalhou-se pela Europa, chegou às Américas, e contribuiu para o progresso dos países que o acolheram.

Note-se que a Península Ibérica cedo recebeu as sementes de reforma, porém, rejeitou-a vindo a permanecer no obscurantismo durante muito anos, marcando passo lento na cauda das nações reformadas.

Por fim, nos finais do século dezanove, as igrejas evangélicas começaram a implantar-se por cá, mas o progresso tem sido muito lento apesar do trabalho activo dos cristãos.

No final do século vinte Deus está a despertar as igrejas e a responsabilizá-las para um evangelismo mais activo com a unção do Espírito Santo. Agora, resta-nos cumprir a nossa missão e continuar a História da Igreja fundada por Cristo e os apóstolos.

II

ANTECEDENTES DA REFORMA

RELIGIÃO POPULAR

Desde Constantino que os templos pagãos eram transformados em igrejas.
O cristão mantinha a sua cultura ancestral pagã traduzida em moldes cristãos.
Eram populares a veneração de Maria, santos, relíquias sagradas.

Era fomentado o comércio das relíquias sagradas para recordar personalidades.

Faziam peregrinações a santuários famosos na expectativa duma cura milagrosa.
No séc. XII Maria tornou-se a Mãe Universal e medianeira junto do filho.
Reis, cavaleiros e camponeses imploravam a intercessão de Maria.

Multiplicavam-se os pedaços da cruz de Cristo que servia de protecção contra os ladrões.

Os cavaleiros traziam na bainha da espada ossos, dentes e cabelos de santos.
Cada edifício religioso precisava duma relíquia que lhe concedesse importância.
Este é o pano de fundo cultural que fez estalar a reforma religiosa na Europa.

INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Como Orígenes, os intérpretes medievais adoptaram durante a idade média o seguinte esquema de interpretação:

1. – O sentido literal ensina a história, os acontecimentos.
2. – O sentido alegórico ensina o que deve ser acreditado.
3. – O sentido moral, refere aquilo que deve ser feito.
4. – O sentido anagógico, ou espiritual, aquilo que deve ser a nossa aspiração.

Ex. 1: – “água” podia significar:

Literal	1. água física
Alegórico	2. baptismo
Moral	3. heresia, dor, sabedoria, prosperidade
Anagógico	4. felicidade eterna

Ex. 2: – “Faça-se luz” podia significar:

1. O começo da criação
2. Seja Cristo o amor
3. Ser iluminados por Cristo
4. Glorificados por Cristo

PERSEGUIÇÃO E INQUISIÇÃO

Nos princípios do século XII surgem os dissidentes na Europa clamando por purificação da igreja oficial. Os mais importantes eram os Cátaros (ou Albigenses) e os Valdenses. Estes movimentos foram objecto de perseguição e inquisição por parte das autoridades religiosas e civis. O papa Inocêncio III na bula *Ad extirpanda*, (1252) mobilizou uma cruzada e autorizou o emprego da tortura para combatê-los. Foi o princípio para aparecer a Inquisição oficial.

FACTORES RESPONSÁVEIS PELA REFORMA

Vários são os motivos apresentados como causadores da Reforma. Por volta do século XIV a sociedade medieval estava desmoronando. A insatisfação social e a ansiedade premente por uma mudança originaram o movimento reformador. Eis alguns factores importantes:

O factor moral. A corrupção a vários níveis instalara-se na hierarquia da Igreja Romana. Negociavam os cargos eclesiásticos, a que se deu o nome de simonia. Muitos acumulavam vários cargos recebendo deles salário sem lhes prestar a devida assistência. Muitos clérigos, até mesmo papas, possuíam as suas concubinas e seus filhos bastardos, a quem entregavam postos relevantes. “O português Inácio de Azevedo era filho de um padre, neto de um bispo, filho e neto de freiras. Quando teve conhecimento da sua origem considerou-se um quádruplo sacrilégio”. (in, A Reforma, pg. 268, Livros Pelicano).

O factor teológico. A Igreja Medieval adoptara a filosofia de Tomás de Aquino segundo a qual a vontade do homem não estava totalmente corrompida. E que mediante a fé nos sacramentos ministrados pelos sacerdotes encontraria o perdão. No lado oposto estava a teologia de Agostinho ensinando que a vontade do homem estava de tal modo depravada que ele nada poderia fazer para sua salvação. Esta contrariedade aguçava o apetite em busca da verdade.

O factor religioso. Frederico da Saxónia era detentor de mais de 5000 relíquias, pedaços de cruz e ossos de santos, considerados prodigiosos. Foi divulgado que num simples olhar para elas uma pessoa reduziria cerca de dois milhões de anos a estadia no purgatório. Podemos denominar isto como turismo rentável.

O factor económico. Os governantes já lamentavam a existência de tanta riqueza nas mãos da Igreja. Além disso, consideravam uma perda o dinheiro enviado para o tesouro papal. A agravar a situação juntou-se o abuso da proclamação das indulgências, enriquecendo ainda mais o papado e deixando a Alemanha mais pobre. Este estado de coisas enfureceu Lutero e fez eclodir a Reforma na Alemanha.

O factor político. Os novos governantes do noroeste da Europa não viam favoravelmente a existência duma Igreja Universal com jurisdição sobre os seus estados que queriam livres da tutela papal. Isto contribuiu para que alguns príncipes ajudassem os reformadores.

O NEGÓCIO DAS INDULGÊNCIAS

O arcebispo Alberto (1490-1545) já dominava duas províncias da Igreja Romana. Mas, ainda cobiçou o arcebispado de Mainz, na Alemanha, que estava vago; isto em 1514. Ele tinha apenas vinte e três anos e era tão ambicioso por poder e riqueza. Ainda que era proibido, canoni-

camente, alguém ter mais que um cargo, não deixou de tentar a oportunidade. Para o conseguir teria de pagar grande quantia às finanças papais (Leão X). Assim o fez.

Mas, como o papa carecia de dinheiro para construir a catedral de S. Pedro exigiu de Alberto, além daquele imposto, um complemento em virtude do cargo acumulado. E como poderia ele pagá-lo? O papa sugeriu que o jovem arcebispo tomasse o dinheiro emprestado dos banqueiros Fuggers, de Augsburg. Então, o papa emitiu uma bula autorizando a venda de indulgências nos estados alemães como garantia do pagamento aos banqueiros. Neste negócio metade da receita seria para o papa e a outra metade para pagamento aos Fuggers. Está visto que o povo era explorado em benefício de gente sem escrúpulos.

A TEOLOGIA DAS INDULGÊNCIAS

As indulgências estavam relacionadas com o sacramento da penitência. Ensinavam que a culpa e o castigo pelo pecado eram perdoados, mas havia uma exigência temporal que o pecador deveria cumprir em vida ou no purgatório. O penitente deveria fazer uma peregrinação a um lugar sagrado, pagar certa importância à Igreja, ou fazer uma obra meritória. A compra duma indulgência dispensava o arrependimento porque a mesma reunia méritos de perdão total.

A indulgência era um certificado papal do perdão concedido a quem pagasse por ele. O pecador arrependido devia confessar o seu pecado e pagar alguma coisa, conforme a sua possibilidade, para ser absolvido pelo sacerdote. Este procedimento foi declarado dogma por Clemente VI em 1343. Sixto IV, em 1476, concedeu este privilégio também às almas do purgatório, cujos parentes adquirissem por eles as indulgências.

Este levantamento de fundos foi descaradamente usado em favor do príncipe Alberto, a fim dele pagar a dívida ao papa e aos Fuggers. O principal agente da negociata foi o monge dominicano alemão, Johannes Tetzel que, por toda a Alemanha, pregava arduamente sobre os benefícios das indulgências. Conta-se que Tetzel recebia por mês o equivalente a mil dólares, além do reembolso das despesas. Tanto ele como outros vendedores eram acompanhados por um representante dos banqueiros a fim de assegurarem que a metade da receita entrasse no banco. O pobre podia recebê-la de graça, mas a um rei poderia custar cerca de trezentos dólares. Na promoção das indulgências eram usados artifícios escandalosos, tais como: A indulgência deixava o pecador mais limpo que o baptismo, ou mais limpo que Adão antes de cair; e que a cruz do vendedor de indulgências tinha tanto poder como a cruz de Cristo. Afirmavam que logo que a moeda caísse na caixa a dita alma saíria do purgatório.

FORÇAS QUE AJUDARAM A IMPLANTAR A REFORMA

A Renascença. O Humanismo renascentista, no século XV, criou um espírito secular e científico que ajudou tanto o início como o progresso da Reforma. Nascera um novo interesse pelas artes, pela ciência, e pela literatura, inteiramente separado da religião. O novo movimento não era obra de sacerdotes nem de monges, mas de leigos interessados na investigação do passado. Despertou um novo interesse pelas Escrituras e pelas suas línguas, hebraica e grega.

Erasmus, um dos humanistas da época, recebeu grande contributo do movimento para se interessar pela investigação e apresentar a sua versão do Novo Testamento em grego e latim

(1516), onde muitos estudiosos descobriram os fundamentos da verdadeira fé bíblica. Outra das suas contribuições foi o “Elogio da Loucura”, (1511) uma sátira criticando o sistema medieval. Erasmo não poupa ninguém, todos ali têm lugar, na sua crítica mordaz. Apareceu também, nessa época, um pequeno livro atribuído a Tomás de Kempis, Imitação de Cristo, conclamando o povo a imitar a vida de Cristo.

A imprensa de Gutenberg (1455). Até ali as cópias eram feitas manualmente por copistas e monges dedicados sentados á sua escrivaninha. Por este motivo, uma Bíblia custava o salário anual dum operário. Assim, o povo não podia ler nem examinar as Escrituras. A imprensa de Gutenberg possibilitou a publicação da Bíblia em todos os idiomas da Europa. A Bíblia de Gutenberg, de quarenta e duas linhas, foi o primeiro livro impresso na sua prensa.

O nacionalismo alemão. Motivados por interesses nacionalistas alguns príncipes alemães aproveitaram o movimento reformador como o meio eficaz de se libertarem da tutela do papa e deixarem de contribuir para o tesouro papal. Assim, apoiaram os reformadores nas suas acções, como é o caso de Lutero que contou com a protecção do príncipe eleitor Frederico.

III

A REFORMA LUTERANA

Lutero nasceu em 1483, em Eisleben, na Alemanha, onde seu pai trabalhava nas minas. Os rigores do lar paterno, uma tempestade em que sentiu temor da morte e do inferno, e o desejo de salvação contribuíram muito para que em Julho de 1505 ele ingressasse no mosteiro dos agostinhos em Erfurt. Lutero tinha um profundo sentimento de pecado e percebia que era mais poderoso do que ele. Por isso, Ele se esforçou bastante a fim de se tornar um monge exemplar. Frequentemente comparecia no confessionário, mas a sua paz e tranquilidade eram irreais. Ele temia até omitir alguns pecados na sua confissão. Por isso, a sua busca por salvação era constante.

Em 1508 foi nomeado para ensinar teologia na Universidade de Wittenberg, fundada pelo eleitor Frederico. Isso obrigava-o a examinar a Bíblia, cujos estudos avivaram a sua luta interior. Encontrou, porém, ajuda nos conselhos do vigário geral da Ordem, Staupitz. No inverno de 1510 e 1511 foi enviado a Roma como delegado da sua ordem. Ali viu o luxo, a luxúria e a corrupção dos clérigos, e começou a compreender a necessidade de uma reforma na Igreja.

Em 1511, Lutero foi transferido para Wittenberg e nomeado professor das Escrituras. Para melhor cumprir a sua missão estudou as línguas originais da Bíblia. Em 1512 obteve o seu doutoramento em teologia. Enquanto estudava a Epístola aos Romanos, a leitura do verso dezassete, do capítulo um, iluminou a sua mente e ficou convencido que somente pela fé em Cristo era possível ser justificado. A descoberta foi um alívio para ele e, a partir daí, a doutrina de “*só Escritura, só Graça, só Fé*” passou a ser a base do seu sistema teológico. Aos poucos foi convencendo os colegas da Universidade da sua descoberta, dos quais recebeu amplo apoio.

No ano de 1517, Tetzl, monge dominicano, foi incumbido de proclamar e vender as indulgências. Eram documentos assinados pelo papa (bulas) concedendo privilégios espirituais a quem os adquirisse. Lutero e os seus amigos, na Universidade, revoltaram-se contra aquela exploração do povo, uma vez que a salvação é resultado da graça de Deus. Assim, elaborou um documento de 95 Teses, em latim, e a 31 de Outubro de 1517 foi cravá-lo na porta da Catedral do Castelo de Wittenberg com um desafio para um debate público sobre as indulgências. Ele queria levar a Igreja a uma reforma sem provocar rebelião. Porém, no dia determinado somente os catedráticos universitários compareceram para a conferência. Traduzidas para o alemão, as Teses foram impressas na nova prensa e enviadas por toda a parte disseminando as ideias luteranas. Tinha o reformador, nesta época, 34 anos. Portanto, à semelhança de Jesus e dos apóstolos, bastante jovem para tamanha tarefa.

Exemplo das suas Teses

“Deve ensinar-se aos cristãos que – a não ser que haja grande abundância de bens – são obrigados a guardar o que é necessário para seus próprios lares e de modo algum gastar seus bens na compra de perdões” (46).

“Deve ensinar-se aos cristãos que o papa – como é do seu dever – desejaria dar os seus próprios bens aos pobres homens de quem certos vendedores de perdões extorquem o dinheiro; que para este fim ele venderia – se fosse possível – a Basílica de S. Pedro” (51).

“São inimigos de Cristo e do povo os que em razão da pregação das indulgências exigem que a Palavra de Deus seja silenciada em outras igrejas” (53).

“Os tesouros do Evangelho são redes com que desde a antiguidade se pescam homens de bens” (65).

“Os tesouros das indulgências são redes com que agora se pescam os bens dos homens” (66).

“Por que o papa não esvazia o purgatório por um santíssimo acto de amor e das grandes necessidades das almas; isto não seria a mais justa das causas visto que ele resgata um número infinito de almas por causa do sórdido dinheiro dado para edificação de uma basílica que é uma causa bem trivial?” (82).

Lutero enviou uma cópia das teses, juntamente com uma carta muito respeitosa, ao tal arcebispo Alberto de Brandeburgo. Este, sentindo-se prejudicado, enviou o correio para Roma, ao papa Leão X, com o pedido de intervenção. O imperador Maximiliano também ficou irado com as atitudes de Lutero e pediu a intervenção do papa. Este, por sua vez, enviou a questão à congregação dos agostinhos em Heidelberg e Lutero foi convocado a comparecer perante o principal da Ordem. Temendo por sua vida, dirigiu-se para lá e qual não foi o seu espanto quando soube que muitos dos monges eram favoráveis à sua doutrina. Lutero regressou a Wittenberg fortalecido com o apoio da sua Ordem.

O julgamento de Lutero

O papa tomou então outra decisão. Comissionou o cardeal Caetano, da ordem dominicana, que era o legado papal à dieta (assembleia) do império, para entrevistar Lutero e o obrigar a retractar-se sob pena de ser levado prisioneiro a Roma. Mesmo sabendo que João Huss, na Boémia, havia sido queimado em violação dum salvo-conduto, em 1415, o príncipe Frederico pediu ao imperador Maximiliano um salvo-conduto para Lutero comparecer perante o cardeal em segurança.

Um ano após da afixação das teses, em Outubro de 1518, Lutero apresentou-se na dieta para responder por sua heresia. Essa entrevista não resultou porque o cardeal só intimava Lutero a retractar-se sem poder convencê-lo, pela Bíblia, do seu suposto erro. Perante a insistência do cardeal: “Retractas-te ou não?” Lutero respondia: “Não posso nem quero retractar-me de coisa alguma, pois ir contra a consciência não é justo nem seguro. Deus me ajude. Amén”.

Lutero encontrou apoio na sua Universidade e no soberano príncipe Frederico, o Sábio. No princípio o eleitor defendeu Lutero mais por questões de justiça do que pelas suas ideias; mas posteriormente foi convencido que o monge tinha razão. Além disso, ele não apreciava que os italianos se metessem nos assuntos dos alemães. Era o nacionalismo em despertamento.

Lutero encontrou, também, em Filipe Melancton, um aliado valioso. Tinha ele 21 anos quando chegou a Wittenberg, em 1518, para ensinar grego na Universidade. Conhecedor das línguas clássicas e do hebraico, tornou-se o teólogo da Reforma, defendendo lealmente, com outros, as opiniões de Lutero. Todos eles reconheceram a Bíblia como a única autoridade em matéria de teologia, fé e moral.

O erudito Filipe Melanchton, companheiro de Lutero durante 30 anos, foi o autor do primeiro tratado teológico da Reforma, que saiu em 1521. Atingiu inúmeras edições durante a sua vida e fez dele o teólogo do Movimento Luterano.

Durante os primeiros meses de 1519 Lutero dedicou-se a estudar a história dos papas e encontrou bases para justificar a sua dúvida sobre a autoridade papal. O estudo da Bíblia convenceu-o da justificação pela fé. O estudo do papado convenceu-o de que o papa não tinha recebido o direito de ser a cabeça de todas as igrejas.

Posteriormente, Lutero foi convencido para uma discussão pública com o brilhante orador e teólogo conservador John Eck, em Leipzig, no mês de Julho de 1519. Eck, com a sua argúcia, conseguiu levar Lutero a admitir a falibilidade de um concílio geral e a confessar a sua relutância em aceitar as decisões papais sem as questionar, assim como a admitir que “entre as crenças condenadas de John Huss e seus discípulos existem muitas que são verdadeiramente cristãs e evangélicas e que a Igreja Católica não pode condenar”. Esta parcial identificação com as doutrinas hussitas alegrou Eck com uma possível vitória sobre Lutero. Seria o princípio do fim para ele. Mais tarde, em Fevereiro de 1520, escreveu ironicamente num dos seus panfletos: “Somos todos hussitas sem o saber. São Paulo e Santo Agostinho são hussitas”.

Em 1520, Lutero resolveu publicar três panfletos a fim de levar o assunto ao conhecimento do povo alemão. Em “Apelo à Nobreza germânica” atingira a *hierarquia romana*, demolindo, à luz das Escrituras, os argumentos papais de que a autoridade espiritual era superior à temporal, de que somente o papa poderia interpretar as Escrituras, e que somente ele poderia convocar um concílio. Para Lutero, os príncipes poderiam, caso fosse necessário, reformar a Igreja, o papa não deveria interferir nos assuntos civis, e os crentes tinham o direito de eleger os seus sacerdotes. Em “O Cativo Babilónico” desafiou o *sistema sacramental* romanista limitando a três os sacramentos válidos, Baptismo, Santa Ceia e Penitência, ou confissão privada. No terceiro panfleto, “Sobre a liberdade do Homem Cristão” atingiu a *teologia romana* ao reconhecer o sacerdócio de todos os cristãos como resultado da sua fé em Cristo.

Após longas controvérsias sobre os ensinamentos e publicações, Lutero foi, finalmente, excomungado por bula do papa Leão X, em Junho de 1520. Entretanto, as suas publicações alimentaram as chamas numa fogueira em Colónia. A dita bula foi recebida como um desafio e classificada como “bula execrável do anticristo”. Como resposta, aos 10 de Dezembro, perante uma assistência de professores, estudantes e povo, Lutero queimou a bula juntamente com cópias do Direito Canónico e outros decretos papais. Este acto marcava a renúncia definitiva de Lutero à Igreja Romana.

A Dieta de Worms

Entretanto, o imperador Maximiliano morreu, deixando o trono vago; e, para o seu lugar, foi eleito Carlos I, neto dos católicos Isabel e Fernando, reis de Espanha, vindo a ser coroado como Carlos V, imperador da Alemanha. Este convocou a Dieta do Concílio Supremo para a cidade de Worms, na primavera de 1521, intimando Lutero a comparecer a fim de responder por suas novas ideias. Ao ser advertido pelos amigos de que poderia ter a mesma sorte de Huss, no Concílio de Constança, em 1415, o reformador respondeu: “Irei a Worms ainda que me cerquem tantos demónios quantas são as telhas dos telhados”.

Aos 18 de Abril de 1521, Lutero compareceu na Dieta, presidida pelo imperador. Durante o interrogatório mostraram-lhe um montão de livros e perguntaram-lhe se os havia escrito. De-

pois de os haver examinado respondeu que sim e que havia outros que não estavam ali. Após longo interrogatório e perante o pedido que se retractasse e renegasse o que havia escrito, respondeu: “A não ser que eu seja convencido do erro pelo testemunho das Escrituras ou – visto que não dou valor à autoridade não provada do papa e dos concílios, por ser claro que muitas vezes eles erraram e frequentemente se contradisseram – por um raciocínio evidente, continuo convencido pelas Escrituras às quais apelei e minha consciência foi feita cativa pela Palavra de Deus, não posso e não quero retractar-me de qualquer coisa, pois agir contra a nossa consciência não é coisa segura nem permitida a nós. Esta é a minha posição. Não posso agir diversamente. Que Deus me ajude. Amén”. (Doc. Igreja Cristã, pg. 250).

Por fim, Lutero deixou a cidade em paz e regressou a Wittenberg sob escolta do imperador. Após a sua partida a assembleia publicou um decreto que proibia a leitura dos seus escritos, assim como a qualquer cidadão dar alojamento ao monge rebelde, mas que deviam prendê-lo enviá-lo às autoridades imperiais. Porém, no caminho foi assaltado por soldados do seu protector Frederico que o conduziram para o Castelo de Wartzburg. Ali, permaneceu disfarçado e protegido, sob o nome de Cavaleiro George, porém, com algumas lutas internas, até mesmo com o diabo. Foi nesse período, de Maio de 1521 a Março de 1522, que traduziu o Novo Testamento para o alemão, o qual era levado para toda a parte por mercadores. A tradução do Antigo Testamento só foi completada alguns anos mais tarde, em 1534.

A Bíblia de Lutero tornou-se o monumento da literatura alemã. Escreveu muitos panfletos, assim como belos hinos, como “Castelo Forte”. Para instrução nas igrejas elaborou os Catecismos Maior e Menor. Também se interessou com a instrução do povo para que pudesse ler a Bíblia em alemão. Ele recomendou aos governantes a criação de escolas e recordou aos pais o dever de enviarem os filhos à escola. Interessou-se também pela educação secundária e universitária.

Enquanto esteve no exílio, Lutero contou com alguns colaboradores na continuação da Reforma em Wittenberg, sendo os mais destacados Melanchton e Calrstadt. Na sua ausência a Reforma tomou proporções que ele não imaginaria. Muitos monges e freiras abandonaram os conventos e casaram. Foram abolidas as missas pelos mortos. O culto foi simplificado e passaram a usar a língua do povo ao invés do latim. Os leigos começaram a receber os dois elementos da Santa Ceia, o pão e o vinho. Calrstadt ordenou a retirada das imagens das igrejas, provocando grande destruição nas obras de arte.

Entretanto, apareceram em Wittenberg três leigos de Zwickau que diziam ser profetas e vi-nham pregando reformas mais radicais. Afirmavam que o que importava não era o texto das Escrituras, mas sim a revelação presente do Espírito Santo. Deste modo, não precisavam da Bíblia para orientação. Ensinavam que o Reino de Deus apareceria brevemente e que os seguidores teriam revelações especiais. Perante este facto Filipe Melanchton não sabia o que fazer e pediu conselho a Lutero. Este entendeu que estava em jogo a pureza do evangelho e ar-riscou regressar à sua cidade universitária a fim de controlar a situação, avisando, para isso, o seu príncipe protector.

O aparecimento do nome “protestante”

O feudalismo trouxera muita opressão aos camponeses, os quais haviam pedido uma reforma desses abusos com base na autoridade das Escrituras. Quando Lutero leu os “Doze Artigos” dos camponeses, reivindicando os seus direitos económicos e religiosos, dirigiu-se aos príncipes dizendo que o seu pedido era justo e pediu-lhes para reduzirem os encargos do povo. Por

outro lado, tentou convencer os camponeses a serem pacientes. Entretanto, os camponeses começaram a ficar desordeiros e armaram-se para a luta.

Lutero começou a perceber que aquele movimento social podia prejudicar a Reforma. Em vista disso pediu aos príncipes para que pusessem fim à desordem. Eles agiram com a força e massacraram cerca de cem mil camponeses. Considerando esta acção uma traição de Lutero, os do Sul abandonaram-no e permaneceram na Igreja Católica. Os príncipes católicos culpavam Lutero de ser causador da rebelião e proibiram a pregação da Reforma em seus territórios. Estes acontecimentos obrigaram Lutero a desenvolver uma organização e uma liturgia próprias para os seus adeptos do Norte.

Na Dieta de Spira, em 1526, foi estabelecido que os cidadãos de cada estado eram livres para seguir a fé que o seu príncipe achasse correcta. Desta permissão resultou um rápido crescimento do luteranismo. Porém, numa segunda assembleia, na mesma cidade, em 1529, compareceram em maioria os príncipes católicos e, perante Carlos V, revogaram a decisão anterior, declarando a Fé católica a única legal, impedindo, desta maneira, o ensino luterano em todos os estados. Os príncipes luteranos reagiram imediatamente, lendo um manifesto em que protestavam contra tal atitude. Em virtude daquele protesto, os católicos passaram a chamá-los de “protestantes” até ao dia de hoje.

Considerando os acontecimentos, Carlos V pediu que lhe apresentassem uma exposição ordenada dos assuntos em discussão. Esse documento, preparado por Melancton, foi apresentado na Dieta de Augsburg e ficou sendo conhecido como a “Confissão de Augsburg”, a qual passou a reger os luteranos.

Então, os príncipes luteranos reuniram-se em Schmalkald e decidiram organizar-se para difundirem a sua Fé. Esse acordo é chamado a Liga de Schmalkald (1531) cujo propósito era resistir ao provável édito imperial. O luteranismo progrediu no Norte, enquanto o Sul permanecia católico. A separação de Roma tornara-se então definitiva e logo foram estabelecidas novas normas para a ordenação de futuros pastores.

As lutas religiosas só terminaram com o acordo de paz efectuado em Augsburg em 1555. Esse acordo reconheceu os mesmos direitos a ambas as partes. Isto é, católicos e protestantes podiam seguir a religião do príncipe da sua escolha. Aos dissidentes foi reconhecido o direito de emigrar.

IV

A REFORMA ZWINGLIANA

A Suíça, ao tempo da Reforma, já era o território mais livre da Europa, embora fizesse parte do Santo Império Romano. As cidades Suíças eram importantes centros de cultura e nelas se instalou também o humanismo, que foi fundamental à Reforma Suíça. Foi em Basileia que Erasmo editou o seu Novo Testamento grego, o qual serviu de base à tradução de Lutero.

Ali desenvolveram-se três tipos de teologia reformada completamente independentes do movimento reformador alemão. Os cantões nortenhos, de língua alemã, seguiram as ideias de Zwínglio. Os do Sul, de fala francesa, foram os seguidores de Calvino. Houve ainda os anabaptistas, conhecidos como os radicais da reforma, pois eram inconformistas. Eles queriam maiores reformas à luz da Bíblia. Este movimento espalhou-se pela Suíça, Alemanha e Holanda com muito progresso. Na Holanda, sob a liderança de Menno Simmons, robusteceu-se e adoptou o nome do seu líder, Menonitas.

ZWÍNGLIO (1484-1531). Após a sua formatura de Mestre em Artes serviu a Igreja Romana como capelão. Porém, a leitura de Erasmo despertou-lhe o interesse pela Bíblia. Iria acontecer o inevitável. Em 1517 reprovou as peregrinações a um altar da Virgem Maria a fim de receberem o perdão dos pecados. No início de 1519, Zwínglio foi chamado para pastorear em Zurique. Ali levantou a sua voz acerca da autoridade exclusiva da Bíblia. Tal como Lutero, ele preparou um documento de 67 Artigos para um debate com as autoridades católicas, onde ele sozinho enfrentaria a todos.

Naquele documento de 67 Artigos, Zwínglio insistia na autoridade da Bíblia, na supremacia de Cristo, na salvação pela fé, e no direito ao casamento dos sacerdotes. Além disso, condenava fortemente as práticas romanas não apoiadas pela Bíblia e suprimiu a missa. Por fim, o conselho da cidade decidiu aprovar a tese de Zwínglio que ganhou logo foro de legalidade. As taxas de baptismo e sepultamento foram abolidas. Monges e freiras receberam permissão de se casarem. As imagens e relíquias de culto foram retiradas e proibidas. Os cristãos começaram a celebrar a Santa Ceia em ambas as espécies. E pregadores leigos levavam as suas doutrinas por todas as regiões da Suíça.

Enquanto Lutero conservou o que a Bíblia claramente não proibia, Zwínglio suprimiu tudo aquilo que a Bíblia não mencionava. Sob sua orientação, a Bíblia foi traduzida para a língua do povo. Ele enfraqueceu as finanças romanas pela suspensão dos dízimos.

Em 1522 separou-se definitivamente de Roma e estabeleceu-se em Zurique como líder do movimento reformador mais radical do que na Alemanha. Em 1525 a reforma estava completa com a supressão da missa. Zwínglio também afirmava que a última palavra pertencia à comunidade cristã, a qual cumpriria o seu dever através dum governo eleito cuja acção se basearia na Bíblia. Ali, Igreja e Estado estiveram unidos teocraticamente por muito tempo.

Zwínglio foi o maior humanista dos reformadores. Era sua opinião que homens como Sócrates e Platão, Séneca e Cipião estariam no céu. Ele aceitava a predestinação incondicional para

a salvação, segundo a qual somente aqueles que rejeitassem a oferta do evangelho estavam condenados à condenação. Igreja e Estado estavam teocraticamente unidos no exercício da autoridade com base na Bíblia e na eleição dos cristãos.

A princípio, Zwinglio contou com a colaboração de Lutero, mas as suas ideias divergentes separaram-nos. Eles discordavam sobre os elementos da Santa Ceia. Enquanto Lutero ainda cria que Cristo estava presente nos elementos, Zwinglio afirmava que eram simplesmente a comemoração do sacrifício de Cristo. Se lhe contrapunham as palavras de Cristo “este é o meu corpo” significa que é o seu corpo, Zwinglio respondia desta maneira: Então, “Eu sou a porta” querará dizer uma porta literal? Ou, “Eu sou a vinha” significará a vinha literal? Certamente que não.

Certa vez foi organizada uma conferência, em 1529, com a finalidade de chegarem a acordo. Estiveram presentes Lutero, Melanchton, Zwinglio e outros teólogos importantes. Lutero começou escrevendo na mesa as palavras de Cristo: “Este é o meu corpo” afirmando que não se afastaria delas. Embora Melanchton se esforçasse pelo acordo, não o conseguiu, e cada grupo seguiu o seu destino separados como dantes.

Além disso, Zwinglio afirmava que as crianças seriam salvas mesmo sem o batismo, enquanto Lutero prevalecia na necessidade do batismo das crianças. No seu livro *“Verdadeira e Falsa Religião”* (1525) expressou o seu ponto de vista bíblico e cristocêntrico. A Suíça não pode esquecer a acção de Zwinglio, erudito, democrático e sincero, na sua libertação das garras do papado.

Em 1531, na tentativa de conquistar Genebra para o seu lado, Zwinglio juntou-se aos soldados como capelão e morreu em combate. Esta guerra civil entre cantões católicos e protestantes dificultou o progresso do movimento.

DEBATE PÚBLICO DE ZWÍNGLIO

67 teses

A primeira disputa em Zurique, a 29 de Janeiro de 1523, foi também a ocasião para Zuínglio tornar públicos os seus 67 pontos sobre contencioso com a igreja romana. O Concílio da cidade de Zurique não somente aceitou o documento de Zuínglio, mas encorajou o pastor a continuar com a sua pregação. Muito do ensinamento de Zuínglio, excepto acerca da eucaristia, era uma expansão destes pontos. Assim, eram uma das primeiras tentativas na teologia sistemática da vida total, distintas das 95 teses de Lutero, limitadas a algumas questões. O que segue são exemplos:

1. Todos os que dizem que o evangelho é inválido sem a confirmação da igreja erra e difama a Deus.
2. A essência e a substância do evangelho é que nosso Senhor Jesus Cristo, o verdadeiro filho de Deus, tem-nos manifestado a vontade de seu pai celestial, e com a sua inocência libertou-nos da morte e reconciliou-nos com Deus.
3. Deste modo, Cristo é o único caminho para a salvação para todos os que já foram, são e serão.

4. Aquele que busca outro caminho erra, e, na verdade, é um assassino e ladrão de almas.
5. Por isso, todos os que consideram outros ensinamentos iguais ou mais elevados do que o evangelho erram, e não sabem o que o evangelho é.
6. Porque Jesus Cristo é o guia e líder prometido por Deus a toda a humanidade, cuja promessa foi cumprida.
7. Ele é salvação eterna e cabeça de todos os que crêem; estes são o Seu corpo, pois o seu próprio corpo humano está morto. Nada é proveitoso sem Ele.
8. Disto, segue-se primeiro que todos os que habitam na cabeça (i.e. Cristo) são membros e filhos de Deus, formando a igreja, ou comunhão dos santos, a qual é a noiva de Cristo, *ecclesia catholica*.
9. Além disso, como os membros do corpo não podem funcionar sem o controle da cabeça, também ninguém no corpo de Cristo pode fazer qualquer coisa sem a sua cabeça, Cristo.
10. Visto que esse homem é louco, cujos membros (experimente) fazem alguma coisa sem a cabeça, rasgar, magoar, ferir-se, assim, quando os membros de Cristo realizam alguma coisa sem a sua cabeça, Cristo, eles são estúpidos magoando-se e sobrecarregando-se com leis loucas.
13. Se alguém quer ouvir, pode aprender clara e plenamente a vontade de Deus, e pelo Seu Espírito ser levado a Ele e através dele tornar-se um homem transformado.
14. Contudo, todos os cristãos devem diligenciar fortemente para que o evangelho de Cristo seja pregado em todo o lugar.
15. Porque a nossa salvação apoia-se na fé, e a condenação na incredulidade; pois toda a verdade está clara nele.
18. Cristo, tendo-se sacrificado uma vez por todos, é por toda a eternidade uma perpétua e aceitável oferta pelos pecados de todos os crentes, pelo que é compreensível que a missa não é um sacrifício, mas uma comemoração do sacrifício e segurança da salvação que Cristo nos tem dado.
19. Cristo é o único mediador entre Deus e nós mesmos.
20. Deus dar-nos-á todas as coisas em seu nome (Cristo), daí se compreende que, pela nossa parte, após esta vida, não necessitamos outro mediador senão Ele.
35. Visto isso, a jurisdição e a autoridade do poder secular estão baseados nos ensinamentos e ações de Cristo.
36. Todos os direitos e proteção que a chamada autoridade espiritual reclama pertencem aos governos seculares, contanto que sejam cristãos.
37. A esses, igualmente, todos os cristãos devem obedecer sem exceção.
38. Isto, enquanto não ordenarem o que é contrário a Deus.
39. Além disso, todas as suas leis devem estar em harmonia com a vontade divina, de modo que protejam os oprimidos, mesmo que estes não se queixem.
40. Só eles (i.e. os governantes) têm o direito de aplicar a pena de morte sem provocar a ira de Deus sobre eles mesmos, e somente para aqueles que têm ofendido a ordem pública.

41. Se eles derem bons conselhos e ajuda àqueles por quem devem responder perante Deus, então estes devem-lhes assistência material.
42. Mas se forem infiéis e transgredirem as leis de Cristo devem ser depostos de acordo com a vontade de Deus.
49. Não conheço escândalo maior do que os sacerdotes não terem permissão a tomar esposas legítimas, mas poderem manter amantes se pagarem bem.
56. Quem quer que perdoe qualquer pecado, somente por causa do dinheiro, é companheiro de Simão (Mago) e Balaão, e verdadeiro mensageiro do diabo.
57. As verdadeiras Sagradas Escrituras não fazem referência ao purgatório após esta vida.
58. O destino dos mortos é unicamente do conhecimento de Deus.
59. E quanto menos Deus nos tem permitido conhecer a respeito disso, menos nós devemos intentar saber.
60. Eu não rejeito a oração humana a Deus para mostrar graça aos que partiram; mas fixar um tempo para isto e mentir por causa do lucro não é humano, mas demoníaco.
67. Se alguém deseja discutir comigo acerca de benefícios, díizimos, crianças não batizadas, ou confirmação, estou pronto para responder.

V

A REFORMA RADICAL

Devido à liberdade existente na Suíça surgiu no norte um movimento mais radical que exigia maiores reformas. A insistência de Zwinglio na leitura da Bíblia, como fundamento da acção dos pregadores, encorajou a formação de grupos de estudos bíblicos. Entre eles estava Conrad Grebel, (1498-1526) que era membro duma família nobre e recebeu excelente educação nas universidades de Viena e Paris. Após a sua conversão, em 1522, trabalhou ao lado de Zwinglio durante três anos. Porém, devido a discordância separaram-se.

Estes grupos de estudos bíblicos, que a princípio se chamavam “irmãos”, propuseram que se fundasse uma congregação de verdadeiros crentes, a contrastar com aqueles que se diziam cristãos por haverem nascido num país cristão e terem sido baptizados quando crianças. Ao verificarem que Zwinglio não seguia por esse caminho, eles mesmos o fizeram. Em 21 de Janeiro de 1525, Grebel baptizou o ex-sacerdote Blaurock que, por sua vez, baptizou Grebel e outros irmãos. Aqueles primeiros baptismos foram praticados por aspersão, só mais tarde, em seus esforços por serem bíblicos, passaram a baptizar por imersão aqueles que antes dessem testemunho público da sua fé. Também passaram a defender a ideia da separação entre a Igreja e o Estado.

Esta prática de rebaptizar não era considerada por eles um novo baptismo em virtude de considerarem não ter havido algum antes. Contudo, esta prática deu-lhes o nome de “anabaptistas” ou rebaptizadores. Entre eles os pobres e os ignorantes eram tão importantes quanto os ricos e os sábios; e recrutaram muita gente entre as classes trabalhadoras. Este novo movimento atraiu logo a oposição dos católicos e dos reformadores, que começaram a persegui-los por serem considerados subversivos. Os católicos começaram a condenar os anabaptistas à pena capital em 1525. No ano seguinte foi decretada a pena de morte pelo Conselho de Zurique a quem baptizasse ou fosse baptizado de novo.

Em pouco tempo os demais territórios Suíços protestantes seguiram o exemplo. O número de mártires foi provavelmente maior do que durante os primeiros três séculos da Igreja. Alguns morriam afogados, outros eram queimados vivos. Não faltaram as torturas e até foram esquartejados vivos. Balthasar Hubmaier (1481-1528), doutor em teologia pela Universidade de Ingolstadt, que havia sido aluno de John Eck, o adversário de Lutero, foi obrigado, entre outros, a refugiar-se na Morávia para fugir às perseguições Zwinglianias. Por ordem do Imperador, em 1528, foi queimado numa estaca e sua esposa foi lançada ao Danúbio onde morreu afogada. Porém, o mais notável é que quanto maior perseguição havia maior crescimento existia.

Entre os anabaptistas havia ainda alguns mais radicais, os xiliastas, que esperavam a vinda do prometido milénio em 1533, cuja sede seria em Strasbourg. Melchior Hoffman foi um desses visionários, mais tarde substituído por Jan Matthiszoon, o qual se proclamou Enoque e decidiu que seria Munster, e não Strasbourg, a Nova Jerusalém, mudando-se então para lá com a

sua mulher Divara, uma ex-freira. A comunhão de bens e a doentia esperança da proximidade da vinda do milênio levaram-nos à desordem. Finalmente, Hoffman foi encarcerado.

Apareceram então dois líderes, João Matthys e João de Leiden que, crendo na chegada do Reino, tomaram posse da cidade expulsando o seu bispo. Este reuniu um exército e assaltou Munster. No combate morreu Matthys e Leiden tomou a liderança nomeando-se rei da Nova Jerusalém. Talvez cansados pelos excessos, pelas lutas intermináveis e pela fome, alguns habitantes abriram as portas da cidade ao exército do bispo. O novo rei foi preso e exibido, com os seus assessores, em jaulas, por toda a região, após o que foram torturados e executados.

O repúdio das ideias reformadas e o fanático incidente de Munster determinou a condenação do movimento. Porém, muitos refugiaram-se na Holanda, onde existia um movimento semelhante. Ali, a destruição do movimento foi evitada pela intervenção sábia de Menno Simons (1496-1561). Este abandonara o sacerdócio romano em 1536, aceitando as ideias anabaptistas. Assumiu então a liderança dos “irmãos”, cujo nome assumiram para evitar o estigma de “anabaptistas”, os quais, após a sua morte, receberam o nome de “Menonitas”, conseguindo a sua liberdade religiosa em 1676. Os seus conceitos de igrejas livres, separação do Estado, autoridade da Bíblia, interpretação pessoal das Escrituras, e batismo por imersão, influenciaram muito o aparecimento dos puritanos separatistas, dos baptistas, e dos quaques.

VI

A REFORMA CALVINISTA

João Calvino (1509-1564), é natural do norte França. Recebeu, na Universidade de Paris, uma formação humanística, onde também conheceu as ideias reformadas. Então, foi enviado para Orleans, onde estudou advocacia. Enquanto Lutero recebeu formação em filosofia e teologia, e foi a voz profética da reforma, a formação universitária de Calvino qualificou-o para ser o grande organizador do movimento. Lutero enfatizava a pregação das Escrituras, enquanto Calvino preocupava-se em formular o sistema teológico. Lutero rejeitava somente o que a Bíblia não aprova. Calvino rejeitava tudo o que não pudesse ser provado pela Bíblia. Ele pode ser considerado o líder da segunda geração de reformadores.

Por colaborar na edição dum documento recheado de humanismo e reforma, em 1534, foi forçado a abandonar a França e a refugiar-se em Basileia, na Suíça. Aí, aos 26 anos, terminou a sua grande obra "*As Instituições da Religião Cristã*". No início um pequeno livro de 516 páginas, foi enviado a Francisco I, da França, com a missão de defender os protestantes franceses que sofriam por sua fé. Esta edição era somente apologética concernente à fé cristã. Porém, nas várias edições, até 1559, sofreu acréscimos tornando-se uma obra teológica de quatro volumes com oitenta capítulos. Uma verdadeira obra-prima de teologia sistemática protestante.

A teologia de Calvino pode ser resumida num jogo mnemónico simples: TELIP.

Totalidade da depravação humana, em virtude da sua vontade estar totalmente corrompida devido ao pecado de Adão, sem nada poder fazer pessoalmente por sua salvação.

Eleição para a salvação, pela soberana vontade de Deus, incondicional e independente dos méritos humanos, havendo uma predestinação dupla, para a salvação e para a perdição.

Limitação da redenção na proposta de que a obra de Cristo na cruz é limitada aos eleitos para a salvação.

Irresistibilidade da graça em virtude da vontade de Deus independentemente da vontade do indivíduo. Pois o Espírito Santo é quem o dirige para Cristo.

Preservação, ou perseverança dos santos. Em virtude da salvação operada pelo Espírito Santo os eleitos jamais se perderão.

Guilherme Farel (1489-1565), também de família francesa, foi o carismático profeta que estabeleceu a reforma em Genebra. Em 1535 venceu um debate com os inimigos da reforma, o que levou a Assembleia Geral dos Cidadãos, em 1536, a adoptar as ideias reformistas. Porém, Farel cedo percebeu que precisaria de alguém mais capacitado para ajudá-lo na missão reformadora.

Certa vez, sabendo da estadia de Calvino em Genebra, que entretanto fora ordenado ministro do ensino, foi em busca da sua ajuda. Calvino, a princípio recusou alegando que o seu gosto e interesse primário era estudar e escrever teologia. Porém, Farel retrucou que Deus o amaldiçoaria se não ficasse para ajudá-lo. Vencido pelo medo resolveu ficar e trabalharam juntos dois anos até serem exilados em 1538.

Juntos, em 1536, fizeram aprovar um decreto que estabelecia o seguinte: Celebrar a Santa Ceia em ocasiões preestabelecidas, preparar um catecismo para crianças, adoptar o canto congregacional, e excomungar os membros sujeitos a disciplina severa. Ambos elaboraram o catecismo e uma pequena declaração de fé. Visto recusarem a Santa Ceia a alguns, isso gerou uma controvérsia que causou o exílio de ambos.

Em 1541 Calvino foi convidado a regressar a Genebra e no mesmo ano publicou as suas “*Ordenanças Eclesiásticas*” as quais referiam as actividades de quatro classes de oficiais da Igreja. Estabeleceu uma classe de pastores para executar a disciplina; um grupo de mestres para ensinar a doutrina; um grupo de diáconos para gerir a caridade; e, acima deles, um consistório formado por seis ministros e doze anciãos para supervisionar a teologia e a moral. Estes tinham ainda a faculdade de excluir os rebeldes quando se tornava necessário.

A contribuição de Calvino para a Fé Reformada foi imensa. A maior foi “As Institutas” com os fundamentos da fé reformada. A seguir vem o “*Corpus Reformatorum*” de 57 volumes, composto de cartas e outros escritos. Existem dois mil sermões da sua pena. Deixou ainda muitos comentários sobre livros bíblicos. Ele fundou a “*Academia de Genebra*”, para instrução dos pregadores, sob a direcção de Teodoro de Beza, o qual sucedeu a Calvino como chefe religioso. Depois incentivou a educação em três níveis, transformando a Academia em Universidade de Genebra. Foi, sem dúvida, um reformador que influenciou Reformados, Presbiterianos e Puritanos. Ele inspirou o presbiterianismo escocês através do seu discípulo John Knox que ali disseminou as suas doutrinas.

Calvino contribuiu também para o avanço da democracia aceitando o princípio representativo tanto da direcção da Igreja como do Estado. Era crença sua que Estado e Igreja foram criados por Deus e, por isso mesmo, deviam colaborar para o progresso do cristianismo. Por este motivo, aparece também o seu lado negativo. Para garantir a eficácia do sistema estabeleceu penalidades severas, pelas quais 28 pessoas foram executadas e 76 exiladas em 1546. Simplesmente por questionar a doutrina da Trindade, o espanhol Miguel Servetus, que acabara de escapar à fogueira da inquisição católica em França, foi executado por decapitação, em 1553, por protestantes, na Suíça. O povo sabia que seguia a religião do Estado e qualquer desvio seria punido com a morte.

Após uma vida dedicada à causa da Reforma, Calvino morreu em 27 de Maio de 1564 com 55 anos.

VII

A REFORMA NA FRANÇA

Dois grandes movimentos reformadores apareceram na França cerca do ano 1170. Os valdenses, que eram seguidores de Pedro Valdo, comerciante de Lyon, o qual distribuía, lia e explicava as Escrituras. Ele fundou uma ordem de evangelistas chamados “os pobres de Lyon” a quem enviou pelo centro e sul da França proclamando as Escrituras. Cruelmente perseguidos, refugiaram-se na Itália onde presentemente fazem parte do pequeno grupo de protestantes.

Os albigenses, ou cátaros, foram também proeminentes no sul da França, na mesma época. Opunham-se fortemente à tradição, à doutrina do purgatório, à adoração das imagens, e às pretensões dos sacerdotes. Todavia, rejeitavam o Antigo Testamento. O papa Inocêncio III, em 1208, mobilizou contra eles uma cruzada e quase toda a população, entre católicos e protestantes, foi massacrada e pereceu. Porém, algumas sementes de reforma terão prevalecido entre os franceses.

Provavelmente influenciado pelas leituras de Lutero, Jacques Lefèvre (1455-1536), escrevia e pregava a doutrina da justificação pela fé, o qual concluiu, em 1523, a tradução do Novo Testamento para o francês. A classe média, comerciantes e proprietários rurais, descobriram na Bíblia a esperança numa Igreja Reformada e aceitavam as novas doutrinas.

Embora a Universidade de Sorbone, em 1521, já tivesse condenado os escritos de Lutero, não evitou o avanço das doutrinas reformadas. Francisco I, rei da França, preocupado com o progresso protestante resolveu empregar a força a fim de impedir a disseminação da “heresia”. Em 1525 um grupo existente em Meaux foi disperso e muitos tiveram que abandonar a França. Faltou, na época, uma liderança capaz de enfrentar os opositores.

Os valdenses restantes do sul da França, em 1532, aceitaram as doutrinas de Calvino, o qual treinara em Genebra mais de 155 pastores e lhos enviara. Uma estimativa dá conta que cerca de 1547 um sexto da população francesa era protestante. O respeitável almirante Coligny unira-se aos protestantes e tornou-se o seu líder político. Ele era da opinião que existiriam, cerca do ano 1561, 2150 congregações protestantes em França. Só a igreja de Ruão contava, na Primavera de 1560, cerca de dez mil crentes, quatro pastores e vinte e sete anciãos. Em Agosto de 1560 uma congregação de sete mil pessoas reuniu-se na praça de Ruão onde escutou um pregador cercado por quinhentos homens armados com arcabuzes.

Os crentes, bem organizados e poderosos, tornaram-se um reino dentro do reino da França. Em vista desta situação a política governamental mudou e resultou numa perseguição constante, feroz e sangrenta entre 1538 e 1559. Neste ano realizou-se o primeiro Sínodo em Paris, que adoptou “A Confissão Galicana de Fé” e foi o marco da organização nacional. A partir de 1560 os protestantes passaram a ser conhecidos como huguenotes, cuja origem é desconhecida. Entre 1562 e 1598 houve oito guerras religiosas e massacres. Mas, o mais terrível aconteceu na noite de S. Bartolomeu, aos 24 de Agosto de 1572. Após uma série de intrigas políticas foi montado um assalto aos huguenotes de Paris. Coligny foi surpreendido no seu quarto

onde, depois de ferido, foi jogado à rua pela janela, pisoteado e morto. Mais de duas mil pessoas que foram mortas, nas noites de 23 e 24 de Agosto, em Paris. No palácio real do Louvre o sangue era tanto que corria pelas escadarias e ruas da cidade. Na totalidade, foram chacinadas entre 10 a 20 mil e os seus bens confiscados.

A grandemente implicada naquela carnificina foi a católica Catarina de Médici, que tinha muita influência sobre o rei Carlos IX. O papa Gregório XII, ao ser informado de que o protestantismo havia sido extirpado em França, mandou cunhar uma medalha comemorativa e ordenou a celebração dum Te Deum em acções de graças todos os anos.

Henrique de Navarra, líder dos huguenotes, em 1593, passou para o lado católico e reinou sob o título de Henrique IV. Então, em 1598, promulgou o Édito de Nantes, (Ver Documento) pelo qual garantiu liberdade religiosa aos huguenotes, acabando estes por formar um estado dentro do Estado francês. Foram autorizados a manter um exército em várias das 200 cidades sob seu controle. Esta situação acabou por ser revogada em 1685 por Luís XIV, que desejava uma só fé, um só estado e um só rei.

Esta medida obrigou os protestantes a emigrar para várias localidades da Europa, África do Sul e Estados Unidos, e a França sofreu um sério abalo económico com a perda de competentes profissionais liberais e artesãos. A partir desta ocasião os reformados não têm exercido qualquer influência na França, sendo os protestantes, presentemente, uma pequena minoria sem expressão.

VIII

A REFORMA NA INGLATERRA

Sementes de Reforma

John Wycliff (1324-1384), formou-se na Universidade de Oxford, onde recebeu o doutorado em teologia e foi conselheiro da direcção da referida instituição. A leitura do Novo Testamento, assim como os seus estudos bíblicos, levaram-no a atacar o sistema romanista e a dar-lhe a sua machadada. Ele reconhecia a autoridade da Bíblia em detrimento da autoridade papal. Insistia na simplicidade dos serviços divinos. Os frades não escaparam aos seus ataques. Rejeitava a doutrina da transubstanciação e considerava os elementos da Santa Ceia como símbolos comemorativos.

A sua maior obra foi a tradução do Novo Testamento para o inglês, concluída em 1380 e, por inspiração sua, a Bíblia total que apareceu depois da sua morte. Miles Coverdale entregou ao povo a sua tradução completa em 1535. Os discípulos de Wycliff, chamados “lolardos” - termo derivado duma palavra holandesa que significa “murmuradores” - influenciaram as classes humildes com os escritos da sua pena. Estes, apesar de serem constantemente perseguidos e martirizados, jamais foram extintos totalmente.

Em 1384, consequência duma embolia, Wycliff partiu para estar com Deus. Anos depois, foi condenado pelo concílio de Constança, o seu corpo foi exumado e queimado, sendo as cinzas lançadas ao rio. As suas doutrinas foram sementes de reforma para quem o lia, tendo também influenciado John Huss na Boémia.

A obra de Lutero “O Cativo Babilónico”, onde ele critica os abusos da Igreja Romana, foi lido pelos mestres da Universidade de Oxford e chegou ao conhecimento de Henrique VIII, rei de Inglaterra. Ele prontamente respondeu a Lutero com o seu livro intitulado “Defesa dos Sete Sacramentos”. Por este facto o papa Leão X concedeu-lhe o título de “Defensor da Fé”.

Causas directas da Reforma

Porém, a causa directa da Reforma na Inglaterra foi um caso de Estado. Henrique VIII havia casado com a viúva de seu irmão Artur Catarina de Aragão. Ele desejava muito ter um filho varão que o substituísse no trono. Mas como sua mulher não lhe dava tal filho só encontrou uma hipótese, divorciar-se dela para casar com outra. Para conseguir isso teve de pedir autorização ao papa, o qual não concedeu tal licença. Então, Henrique decidiu que a solução seria ele controlar pessoalmente a situação. Além disso, já possuía o título de Defensor da Fé, concedido pelo papa.

Em 1534 conseguiu que o Parlamento inglês promulgasse uma série de leis que marcam o rompimento definitivo com Roma. Foi cancelado o pagamento das anuidades e outras contribuições para o Vaticano. Por opinião das principais universidades declararam que o matrimónio de Henrique com Catarina não era válido; isto, em virtude da lei canónica proibir qualquer casamento com a viúva de seu irmão. E fizeram do rei o chefe supremo da igreja inglesa.

Uma personalidade célebre que se opôs a tudo aquilo foi Thomás Moore, ex-chanceler do rei e amigo íntimo do rei. Moore negou-se a jurar fidelidade ao rei como cabeça da igreja e, por isso, foi encarcerado. Nas visitas ao cárcere, sua filha tentou convencer o pai a reconhecer o rei como cabeça da Igreja, ao que ele respondia: “Não me é dado carregar em minha consciência os erros dos outros”. Sendo levado a juízo, onde manteve a sua posição, foi condenado à morte. Passados cinco dias, antes da execução, exclamou: “Morro sendo servo do rei, mas antes de tudo sou servo de Deus”. Quatrocentos anos depois, em 1935, foi declarado santo pela Igreja Católica.

Após ter sido declarado chefe supremo da Igreja de Inglaterra Henrique anulou o seu casamento com Catarina (1533) e consumou novo casamento com Ana Bolena, no mesmo ano, com quem já vinha tendo relações secretas. Porém, como Ana não lhe dera senão uma filha, tratou de acusá-la de adultério e finalmente foi decapitada. Então, o rei casou com Jane Seymour, de quem teve um filho varão, a qual morreu pouco depois. A seguir casou-se com Ana de Cleves a fim de selar uma aliança com os protestantes alemães. Mas, como estes permaneciam nas suas doutrinas reformadas, sem terem chegado a algum acordo, Henrique tratou de divorciar-se para casar com Catarina Howard. Esta caiu em desgraça e foi decapitada. A última esposa de Henrique foi Catarina Parr, que era partidária da Reforma. Tudo isto à procura dum herdeiro para o trono, o qual coube a Eduardo, um menino pouco saudável que morreu muito cedo.

Finalmente, subiu ao trono Maria Tudor (1553-1558), a filha de Catarina de Aragão, primeira esposa de Henrique. Havendo sido sempre católica, seu alvo era que o partido reformador se retractasse e voltasse ao seio do papado romano. Logo que se sentiu segura no trono começou a tomar medidas repressivas contra a reforma. Como as suas acções não surtiram efeito passou à perseguição feroz. A História conta que durante o seu reinado cerca de 280 pessoas terão sido queimadas em virtude de manterem as suas ideias reformadas. Muitos morreram nos cárceres ou no exílio. Foi por estas acções que lhe atribuíram o epíteto de Maria Sanguinária.

Entre todos os condenados havia um ilustre arcebispo que rejeitava a contra reforma da rainha, chamado Tomás Cranmer. Ele contribuíra muito para a Reforma na Inglaterra. Mandou traduzir a Bíblia para o Inglês e ordenou a colocação de uma em cada igreja a fim de ser lida por todos. A Ceia passou a ser administrada em ambas as espécies. As imagens foram retiradas das igrejas. Os sacerdotes receberam permissão para casar. Ele foi o autor principal do “*Livro Comum de Oração*” uma liturgia em língua inglesa.

Em virtude de Cranmer ser arcebispo, Maria enviou o seu caso para Roma e aí foi condenado à fogueira. Após a condenação ainda foi instado a retractar-se, o que fez por escrito, mas sem se saber os motivos de tal atitude. Apesar disso, foi condenado e levado à fogueira para que servisse de exemplo. Na igreja de Santa Maria deram-lhe outra oportunidade de retractar-se verbalmente. Porém, para surpresa de todos ouviram-no retirar a sua anterior retractação. Dizia ele: “Há um escrito contrário à verdade que tem sido publicado e que agora repudio porque foi escrito por minha mão contra a verdade que meu coração conhecia. (...) E diante do facto que foi minha mão que a ofendeu ao escrever contra meu coração, minha mão será castigada primeiramente. Quando eu estiver na pira será ela que primeiro arderá.” Cranmer sustentou sua mão no fogo até ficar carbonizada. Esquecendo as fraquezas de seus últimos dias, passou a ser considerado herói nacional. E o movimento reformador, invencível, continuou o seu percurso.

Isabel (Elizabeth), filha de Ana Bolena, sucedeu no trono a Maria Sanguinária que morrera no final de 1558. Então, o Parlamento aprovou o “Acto de Supremacia” onde se declarava a

rainha o único governo supremo do reino em assuntos espirituais e temporais. Enquanto Maria era católica, Isabel era protestante. O seu ideal era uma igreja uniforme num reino unido, porém, com liberdade de opinião. Porém, nessa igreja não haveria catolicismo nem protestantismo extremista. Um Acto de Uniformidade instituiu como instrumento principal dessa unidade o “Livro Comum de Oração” que sofreu revisão. Os 39 Artigos promulgados pelo Parlamento (1563) passaram a figurar como o Credo da Igreja Anglicana.

Pelos finais do reinado de Isabel começou um novo movimento que exigia maiores reformas. Eram os radicais da reforma na igreja oficial inglesa afirmando que era necessário extirpar muito do romanismo ainda existente. De convicções calvinistas, receberam o nome de “puritanos” por quererem voltar às práticas do Novo Testamento em toda a sua pureza. Eles opunham-se à guarda dos dias santos, à absolvição pelo sacerdote, ao sinal da cruz, ao ajoelhar na hora da Ceia e ao uso da sobrepeliz pelos ministros. Por fim abandonaram o serviço religioso oficial. Em vista disso, Isabel promulgou que quem faltasse ao culto da igreja anglicana pagaria uma multa de um xelim. Mais tarde, em 1593, foi publicado um decreto que permitia às autoridades prender os puritanos que faltassem aos cultos da igreja oficial.

Thomas Cartwright (1535-1603), professor de teologia em Cambridge, insistiu sobre a autoridade da Bíblia e adoptou a teologia calvinista. Ele opunha-se ao sistema episcopal tradicional. À luz da Bíblia o governo de cada diocese deveria estar sob a orientação dum presbitério com funções apenas espirituais. Foi ele quem lançou as bases para a fundação da 1ª Igreja Presbiteriana inglesa, em 1572.

Os puritanos existiam em grupos distintos de acordo com os seus ideais. Enquanto uns eram favoráveis ao governo presbiteriano, outros desejavam a independência de cada grupo local, e a separação do Estado, os quais receberam o nome de independentes, ou congregacionais. Um grupo destes puritanos separatistas, para fugir à perseguição, emigrou para a Holanda onde se fundiu com os Menonitas ali existentes. Mais tarde alguns destes regressaram a Inglaterra e em 1612 fundaram a primeira Igreja Baptista inglesa. Desta forma os puritanos ingleses originaram as Igrejas, presbiteriana, baptista e congregacional.

Por ordem do Parlamento inglês um concílio de ministros (1643-1649) preparou a “Confissão de Westminster” e dois catecismos, os quais formaram a regra de fé em Inglaterra. É desta época o pregador leigo John Bunyan (1628-1688) que, devido à perseguição contra os separatistas, foi posto na prisão onde escreveu o seu famoso livro “O Peregrino”.

O Clube santo de Wesley

John Wesley (1703-1791) era filho do reitor da igreja inglesa em Epworth e sua mãe descendia de ministros puritanos separatistas. Wesley graduou-se em 1724 e foi ordenado ministro da igreja inglesa. Durante os anos em que foi professor na Universidade uniu-se a um grupo de estudantes de Oxford que se reunia para estudo bíblico em busca de santidade. Por zombaria, esse grupo recebeu o epíteto de “Clube Santo”. Wesley, como líder, imprimiu ao clube santo um estudo bíblico metódico, por cujo motivo passaram a ser tratados por metodistas os seus discípulos. Como resultado da sua missão foi organizada a Igreja Metodista, primeiro na Inglaterra, depois noutros países.

Wesley deu bastante ênfase à doutrina da perfeição cristã através do amor. Dizia que a santidade é um processo progressivo iniciado por um acto de fé. Então, o perfeito amor de Deus expulsará o pecado resultando daí a santidade. Ele opôs-se ao álcool, à escravidão e à guerra. Ele fundou o primeiro dispensário médico gratuito. Defendeu a abolição da escravatura. E influenciou Robert Raikes, que em 1780 fundou a Escola Dominical.

IX

A REFORMA DOS MORÁVIOS

As ideias da reforma chegaram muito cedo à Morávia, mas não conseguiram o mesmo progresso como nos outros países já mencionados. João Huss, que era leitor de Wycliff, pregava ali as suas doutrinas, mas foi queimado na cidade de Praga em 1415. Tanto a sua pregação quanto a condenação deixaram influências reformistas na região.

Mais tarde, começaram a chegar alguns refugiados puritanos, os quais encontraram a proteção do conde Zinzendorf. Este nobre, nascido em 1700, a partir dos dez anos recebeu a educação dum mestre pietista luterano. Depois seguiu para Wittenberg a fim de estudar direito. Ali, enquanto visitava uma galeria de arte viu um quadro (Ecce Homo) onde estava escrito “Fiz tudo por ti, que fazes tu por mim?” Zinzendorf concluiu que jamais seria feliz se não respondesse satisfatoriamente àquela questão.

Após a chegada dos primeiros refugiados em 1722, teve oportunidade de realizar os seus ideais. O conde convidou-os a recolherem-se na sua propriedade, a qual veio a chamar-se “Herrnhut” que significa “o vigia do Senhor”. Apesar da oposição dos seus familiares a generosidade do conde tornou-se notícia e o movimento crescia. Cinco anos depois chegava o ponto alto do movimento. Num célebre culto em 13 de Agosto aconteceu um despertar semelhante ao de outras localidades na História da Igreja. Numa certa noite o Espírito Santo desceu sobre a comunidade trazendo um renovado interesse pelas missões mundiais. Ao mesmo tempo as pequenas diferenças doutrinárias deixaram de ser motivo para discussões, experimentando deste modo uma unidade fortalecida pelo Espírito Santo. Sob a sua liderança foi realizada, por mais de cem anos, uma vigília constante de oração.

Assim, cresceu nos morávios a paixão de cumprir a comissão do Senhor e levar o evangelho até aos confins da terra. A sua contribuição mais importante para o protestantismo foi o ensino de que todo o cristão é missionário. Como este movimento havia surgido entre artesãos, os missionários leigos podiam partir para outras terras dispondo somente do seu trabalho profissional para sustento. Chegaram a fundar trabalho missionário nas Ilhas Virgens (1732), Groenlândia (1733), América do Norte (1734), Lapónia e América do Sul (1735), África do Sul (1736) e Labrador (1771).

Zinzendorf gastou trinta e três anos da sua vida como supervisor duma rede mundial de missionários que aceitavam a sua liderança. A forte motivação dos missionários era o sacrifício de Cristo oferecido pelo mundo. E o seu método evangelizador era o testemunho da fé por palavras e vida exemplar, deixando para mais tarde o ensino doutrinário.

Início das Missões Modernas

Inspirado nos morávios, coube ao inglês Guilherme Carey (1761-1834) ser o fundador e inspirador das missões modernas. Carey nasceu num lar pobre, seu pai era tecelão, e ele foi sapateiro até aos 28 anos. Porém, Carey era um estudioso nato e desenvolveu a sua própria educação. Aos 24 anos foi convidado para assumir o pastorado numa igreja baptista. Inspirado na leitura das “Viagens do Capitão Cook” adquiriu uma perspectiva bíblica sobre missões. Quan-

do Carey apresentou a suas ideias numa assembleia de ministros ouviu de um deles: “Jovem, sente-se. Quando Deus quiser converter os pagãos Ele o fará sem a sua ajuda ou a minha”. Mas o teimoso Carey recusou submeter-se àquela ordem.

Em 1792 Carey publicou um livro de 87 páginas, cujo título “Uma Inquirição sobre a Responsabilidade dos Cristãos em Usarem Meios para a Conversão dos Pagãos”, é uma síntese clara do seu conteúdo. Esta obra provocou um impacto sobre missões semelhante às 95 teses de Lutero. Mais tarde, noutra assembleia de ministros baptistas, desafiou os assistentes através de Isaías 54.2,3 e uma nobre sentença: “Espere grandes coisas de Deus; tente grandes coisas para Deus”. A partir daqui decidiram organizar uma Junta de Missões a qual recebeu o nome de “Sociedade Baptista de Missões” e ele próprio ofereceu-se para ir à Índia, com outros companheiros, chegando ao seu destino a 19 de Novembro de 1793. Passados dois anos era estabelecida uma igreja na Índia. Além de prolífico escritor e tradutor, o seu maior empreendimento foi a fundação dum Colégio, em 1819, para treinamento dos futuros obreiros nativos. Foi ainda convidado a leccionar Línguas Orientais no colégio em Calcutá. Morreu aos 73 anos deixando as suas marcas na Índia.

X

A CONTRA-REFORMA

Imediatamente após o eclodir da Reforma, a Igreja de Roma tentou paralisar o movimento usando para isso vários meios. Tentou fazer a sua própria reforma, dedicando-se às missões, ao ensino, às obras sociais e combater até à morte os hereges protestantes. Podemos considerar cinco os principais meios que foram postos ao dispor do papa para combater o movimento reformador.

1. **O Oratório do Amor Divino** (1517) surgiu como uma organização informal de clérigos, adeptos da justificação pela fé, com o objectivo de provocar uma reforma ao nível da hierarquia sacerdotal. Alguns de seus membros foram nomeados pelo papa Paulo III para integrar uma comissão encarregada de elaborar um plano de reforma. A dita comissão apresentou ao papa, em 1537, um documento informativo dos abusos cometidos pelos seus antecessores e da necessidade de criar uma nova imagem à Igreja de Roma. Esta Ordem religiosa serviu de inspiração para outras que foram aparecendo com a mesma finalidade. Outras Ordens apareceram com a mesma finalidade.

2. **A Sociedade de Jesus** (1534) foi uma das ordens religiosas mais importantes ao serviço de Roma. Foi fundada pelo espanhol Inácio de Loyola (1491-1556) e alguns de seus companheiros de estudo, os quais votaram castidade, pobreza e obediência. Loyola ofereceu os seus serviços ao papa e recebeu aprovação em 1540. O seu principal objectivo era servir a Igreja e defender a fé católica. Eles dedicaram-se especialmente às missões, à educação, fundando colégios e universidades, e combater as heresias. Procuravam, primeiro, converter os “hereges”. No caso de persistirem em seus ideais entregavam-nos à autoridade secular para serem castigados. No parágrafo 13 dos “Exercícios Espirituais” dizem que se a Igreja “tiver definido alguma coisa como sendo preta, mas a qual aos nossos olhos parece branca, devemos de qualquer forma afirmar que ela é preta”. (Ver Doc. Igreja Cristã, pp. 294 >).

Esta Ordem tem sido uma das mais úteis na expansão e fortalecimento do catolicismo no mundo. Francisco Xavier, um dos primeiros missionários no Oriente, pregou na Índia e chegou ao Japão em 1549. Por volta de 1614 alegavam ter conquistado 300.000 japoneses. Matteo Ricci chegou a Pequim em 1601 e logo se adaptou à cultura chinesa. Cerca de 1700 confessaram ter 300.000 seguidores na China. Roberto de Nobili foi o instrumento para levar a mensagem católica à Índia.

3. **A Inquisição** teve início na luta contra os albigenses no sul da França, no início do século XIII (Ver documento de S. Tomás de Aquino). Atingiu o seu climax na noite de S. Bartolomeu. Na Espanha foi estabelecida por autorização papal ao pedido dos reis católicos, a fim de combater o judaísmo, o islamismo e o movimento reformador. Para Inquisidor Geral foi nomeado o cruel Tomás de Torquemada, em 1480. Em Portugal foi introduzida a pedido do rei D. João III e proclamada em Évora a 22 de Outubro de 1536. Foi seu Inquisidor Geral o cardeal D. Henrique. Perante a insistência de Caraffa o papa Paulo III, por bula de 1542, proclamou a inquisição como instrumento de combate à heresia em todo o mundo. Um dos preceitos

da Inquisição era: “Nenhum homem deve mostrar tolerância para com qualquer espécie de herético, e menos que todos um calvinista”. Um papa falou assim: “Se o meu próprio pai fosse um herético eu reuniria lenha para o queimar”. (in, A Reforma, Pgs 266,267, Livros Pelicano).

Presumidos como hereges até que provassem a sua inocência, os acusados eram forçados a testemunhar contra si mesmos sob torturas cruéis. A condenação consistia na prisão, julgamento, queima na fogueira e confisco dos seus bens. Aos inquisidores cabia o julgamento sob torturas, após o que os condenados eram entregues à autoridade secular para execução. O processo do julgamento era tão cruel que até parecem impossível em seres humanos. (Ver documento no Apêndice).

4. **O Index** era um índice de livros proibidos. A Igreja Romana, sob a direcção de Caraffa, membro do Oratório do Amor divino, publicou, em 1543, uma lista de livros cuja leitura era considerada perigosa e por isso proibida. Dele constaram alguns livros dos humanistas portugueses. Este Caraffa, eleito papa em 1571, sob o nome de Paulo IV, nomeou uma comissão permanente a fim de manter o “Index Romano de Livros Proibidos” actualizado, o qual só em 1966 foi abolido. “Em Veneza mais de dez mil livros foram queimados num Sábado antes do Domingo de Ramos”. Em Cremona, onde havia uma escola hebraica, foram queimados doze mil livros, incluindo o Talmude. (in, A Reforma, pg. 267, Livros Pelicano).

5. **O Concílio de Trento** (1545-1563) foi também Paulo III, considerado um papa reformador, que em 1544 convocou a realização dum Concílio em Trento, ao norte de Itália, para discutir assuntos referentes à Reforma. Estas assembleias, que decorreram durante dezoito anos, com pequenos intervalos, não fez mais do que transformar a teologia medieval num dogma que impossibilitaria qualquer oportunidade de entendimento com os protestantes.

O documento final do Concílio ficou sendo conhecido como a “Confissão Tridentina da Fé”. Os seus decretos são tão numerosos que se torna impossível enumerá-los. Nela se declara que, não somente a Bíblia, mas também a Tradição da Igreja constitui autoridade final para os fiéis. Declarou que a Bíblia conhecida como Vulgata Latina, que incluía os livros apócrifos, era suficiente para qualquer discussão dogmática. Que os sacramentos são mesmo sete. Que a missa é um sacrifício oferecido tanto em benefício tanto dos vivos como dos mortos. Nela não é necessário que os fiéis recebam ambas as espécies da Santa Ceia. E manteve que a justificação é resultado da fé e das boas obras dos fiéis. Para ser recitada pelos fiéis à Igreja Católica foi publicada a Confissão de Fé Tridentina.

(Ver documentos em Bettenson, Doc. Da Igreja Cristã, ASTE, pp. 294-303)

DAMIÃO DE GÓIS

Por ser de suprema importância, incluo aqui, com devida vénia, as seguintes notas sobre Damião de Góis.

O grande humanista português, Damião de Góis, é natural de Alenquer (1502-1574).

Góis foi moço de câmara de D. Manuel I. Frequentou as universidades de Pádua e Louvaina adquirindo um espírito aberto e dialogante.

Partiu para a Europa com 21 anos e serviu como secretário na feitoria da Holanda. Aí teve o privilégio de conviver com os grandes humanistas e reformadores Erasmo, Lutero e Melanchton. Aos 43 anos regressou a Portugal e a sua casa tornou-se poiso dos estrangeiros que por aqui passavam.

Góis, de espírito aberto, ideias humanistas, e relacionamentos duvidosos, é preso em 1571 pelo Santo Ofício e levado para a masmorra, no Mosteiro da Batalha. Depois de muito sofrer, ele pede pela misericórdia de Deus, que o despachem. Então, levam-no para sua casa, onde apareceu morto caído sobre a lareira. Agora fica a pergunta: Quem matou Damião de Góis?

Frei Jerónimo de Azambuja (+1562) declarou no Concílio de Trento:

“Em Portugal, graças à providência divina e aos cuidados do nosso rei muito cristão, não se vislumbra qualquer sinal da heresia luterana que enche o mundo”. Pg. 8

“O primeiro luterano português penitenciado pela Inquisição aparece em 1570, acusado de luteranismo, e que confessa aderir efectivamente à doutrina de Lutero. Chamava-se Manuel Travassos, bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra. O processo durou cerca de oito meses e o réu acabou por ser relaxado ao braço secular no auto-de-fé realizado a 11 de Março de 1571”. Pg. 9

“Sendo um dos mais movimentados processos estudados, aparecem nele referências a nomes célebres, como Erasmo, D. Gerónimo Osório, Damião de Góis, Frei Luís de Granada, Lutero, Calvino, Melanchton e os livreiros da Rua Nova, nomeadamente João de Borgonha”. Pg. 9

“Os inquisidores colheram informações sobre o réu em cerca de vinte processos e foi interrogado em trinta e quatro audiências, a maioria das quais a pedido do próprio” Manuel Travassos. Pg. 9

“O mais importante deste processo reside no facto de ter sido a causa próxima e decisiva para a prisão de Damião de Góis. Tratando-se, porém, de um réu que andara pelo estrangeiro e, ao que parece, regressou a Portugal com a intenção de convencer alguns amigos a aceitar as teses luteranas, os inquisidores – ao condená-lo por “dogmatista e ser o réu o primeiro cristão velho português” convencido da verdade das doutrinas luteranas –, manifestavam também que a ameaça continuava sob controlo”. Pg. 9

In, Martinho Lutero (Diálogo e Modernidade)

Edições Universitárias Lusófonas, Abril de 1999.

XI

A REFORMA NA ESPANHA

Na Espanha a situação não era diferente dos outros estados europeus. Os bispos haviam-se tornado mais guerreiros do que pastores. Frequentemente envolviam-se em intrigas políticas devido aos seus interesses económicos. Os seus filhos bastardos reclamavam descaradamente os direitos de sangue à nobreza. Havia sacerdotes com filhos de várias mulheres. Além disso, a maioria deles era incapaz de responder às mais simples questões teológicas. Eles nem entendiam o que diziam nas celebrações.

Perante estes factos os reis católicos intentaram a reforma e, para o efeito, reclamaram ao papa que lhes concedesse o direito de nomear alguém do seu agrado. A nomeação da liderança coube ao franciscano Francisco Xeminez de Cisneros, homem erudito, humanista, e leitor das obras de Erasmo.

Cisneros cedo se tornou conselheiro da rainha e a seguir foi nomeado cardeal. Neste cargo tornou-se o grande reformador na Espanha. As grandes contribuições de Cisneros, com apoio da rainha, foram a fundação da Universidade de Alcalá (1498) e a publicação da Bíblia Poliglota Complutense, cujo trabalho durou quinze anos, e foi impressa em 1517. Havendo sido enviada ao papa para exame, este só concedeu o “imprimatur” três anos depois. Quando foi editada já o cardeal tinha morrido e não viu a sua obra.

Três judeus convertidos encarregaram-se do texto hebraico. Um cretense e dois helenistas espanhóis prepararam o texto grego, enquanto bons latinistas ocuparam-se do texto latino. Esta Bíblia é composta por seis volumes; quatro para o Antigo Testamento, o quinto para o Novo Testamento, e o sexto para uma gramática hebraica, aramaica e grega. É considerada uma obra mestra da erudição espanhola.

O trabalho reformador de Cisneros visava acabar com o judaísmo, o islamismo, e as heresias luteranas. Como este processo reformador não produzia os efeitos esperados a coroa decidiu pedir ao papa licença para implantar no seu território a Inquisição, a qual foi concedida em 1478. E para inquisidor geral foi nomeado o frade dominicano Tomás de Torquemada, homem cruel e intolerante. O seu método era ou conversão ou a morte.

Entretanto, os escritos de Lutero chegaram a Espanha em 1519, e no ano seguinte foi traduzido o seu comentário aos Gálatas para o castelhano.

Um dos principais promotores da Reforma na Espanha foi Juliano Hernandez. A Inquisição torturou-o várias vezes sem conseguir arrancar-lhe qualquer negação ou o nome de seus companheiros. Conta-se até que, ao regressar à sua cela, após o longo suplício, ia cantando: “Vencidos vão os freis, vencidos vão. Corridos vão os lobos, corridos vão”. Depois de três anos de torturas foi lançado na fogueira e morreu corajosamente proferindo o seguinte: “*Coragem, camaradas! Esta é a hora em que devemos nos mostrar valentes soldados de Jesus Cristo.*”

Demos fiel testemunho de sua fé diante dos homens e dentro de poucas horas receberemos o testemunho de sua aprovação diante dos anjos!”

Os dois grandes centros da Reforma foram Valladolid e Sevilha. Até 1556 já ali haviam sido fundadas algumas comunidades de inspiração reformada. A Reforma atingiu o convento de Santo Izidoro e os monges passaram a dedicar mais tempo às Escrituras. Mas, nos começos de 1558 correu a notícia de que a inquisição se preparava para combater os círculos reformadores.

Os monges, alertados, reuniram-se para discutir sobre o assunto e decidiram que cada um ficaria livre para seguir o rumo que entendesse. Doze deles combinaram encontrar-se em Genebra e partiram por rotas diferentes para lá. Entre esses refugiados encontravam-se três personagens importantes na história da Bíblia Castelhana.

Poucos dias após a sua partida de Sevilha cerca de oitocentas pessoas foram parar aos cárceres da inquisição, e umas oitenta de Valladolid. O primeiro acto de fé foi realizado em Valladolid em 21 de Maio de 1559, sendo mortas 14 pessoas e 16 castigados a penitência publica. Esta prática cruel durou dez anos.

A obra notável dos três exilados foi a tradução da Bíblia para o castelhano. Francisco de Enzinas, em 1543, havia publicado a sua versão do Novo Testamento a partir do texto grego de Erasmo. Dedicou-o ao imperador Carlos V a quem ofereceu um exemplar. Por sua vez este enviou-o ao seu confessor. Enzinas foi acusado e encarcerado por fomentar a heresia. João Perez publicou o Novo Testamento, em 1556. E antes de morrer, em Paris, deixou a sua herança para a publicação da Bíblia castelhana. Coube a Casiodoro de Reina a empresa dessa tradução a qual foi publicada em 1569. Cipriano de Valera, em 1602, publicou a revisão daquela Bíblia, que tem sido a mais usada na língua de Castela.

Eram muitos os leitores tanto de Erasmo como de Lutero. Assim como também foram muitos os perseguidos pelos frades inquisidores. Um deles, chamado Juan de Valdés, é considerado o verdadeiro tipo de reformador que a Espanha precisava. Era profundo conhecedor das Sagradas Escrituras e dominava perfeitamente o castelhano, latim, grego e hebraico.

Enquanto estudava, na Universidade de Alcalá, escreveu “Dialogo de Doctrina Cristiana” considerado a primeira obra evangélica editada em Espanha. Embora tenha sido publicado sem o seu nome, este livro levantou logo suspeitas à Santa Inquisição. As suas obras foram classificadas de luteranas e ele um herege típico. O que valeu a Valdés foi o processo ter caído nas mãos de teólogos amigos em Alcalá. Não chegou a ser preso porque em 1530 se exilou em Roma. Valdés escreveu outras obras que são consideradas obras-primas da língua castelhana. É considerado o maior reformador espanhol, comparável ou talvez superior a Calvino.

XII

A REFORMA NAS AMÉRICAS

Foi um grupo daqueles puritanos congregacionais que emigraram no Mayflower, para os Estados Unidos. Estes decidiram procurar novas terras onde poderiam construir em liberdade uma nova sociedade com governo teocrático à maneira bíblica. Assim, em Dezembro de 1620, cem colonos, incluindo homens, mulheres e crianças, desembarcavam em Plymouth, na baía de Massachussets.

Os primeiros meses foram difíceis para os peregrinos. Uma epidemia varreu cerca de cinquenta colonos que morreram durante o rigoroso inverno. Mas, na primavera seguinte, os índios ensinaram-lhes a cultivar o milho. Com base na cultura, na pesca e na caça, os colonos puderam vencer e pagar as suas dívidas. Quando chegou o outono tinham abundância para o inverno seguinte e celebraram uma festa de acções de graças, que se repete anualmente em princípios de Novembro. Pouco depois, outro grupo de mil puritanos se lhes juntaram, seguidos por mais cerca de dez mil descontentes com a igreja oficial inglesa.

Como o seu propósito era fundar uma sociedade segundo princípios bíblicos, um pequeno modelo do reino de Deus, organizaram-se democraticamente e reconheceram a autonomia das igrejas locais. Todavia, esta autonomia era relativa porque criam na necessidade de aceitar uma Confissão de Fé como elo de união entre todos. A fim de evitar que alguém provocasse desordens na colónia, ainda no navio elaboraram um documento de disciplina, o "Mayflower Compact", entregando à autoridade civil a missão de castigar os rebeldes.

Visto que a tal disciplina teve de ser usada, muitos tiveram de procurar outras paragens para viver em liberdade. Um deles foi Roger Williams (1603-1683), que fundou a colónia de Providence e foi o iniciador da Igreja Baptista na América do Norte (1648). A grande contribuição de Williams foi a sua insistência na separação entre igreja e estado e na liberdade de consciência. Os baptistas fundaram a sua Universidade em Rhode Island, em 1764. No decorrer dos anos todos os grupos religiosos se representaram no continente americano, sendo a denominação Baptista o maior com cerca de dez agrupamentos.

O Grande Avivamento

Pelos finais do século XVII era visível o declínio espiritual e moral provocado pela influência do constante processo colonizador, pelo interesse dalguns em separar igreja e estado, e a sucessão de guerras brutais. Os pregadores sentiram a necessidade de consolidar os crentes na fé e alcançar as multidões com o evangelho. Este sentimento motivou um despertar espiritual a que se chamou o "Grande Avivamento".

O Grande Avivamento, de teor calvinista, começou com a pregação de Theodore Frelinghuyzen às congregações reformadas holandesas de New Jersey, em 1726. A partir daí os grandes obreiros do Avivamento foram Johnathan Edwards e George Whitefield. Edwards (1703-1758), formado aos 17 anos, recebeu o pastorado com 24 anos. Simplicidade de vida, de oração, e sermões ardorosos, exerceram grande impacto sobre os seus ouvintes. Um exemplo de seus sermões com poder no púlpito é este com o título "*Pecadores nas mãos de um Deus ira-*

do”. As pessoas arrependiam-se dos pecados, entre lágrimas e gritos de entusiasmo, e algumas até desmaiavam de gozo pelo perdão alcançado. Em virtude destas experiências o Avivamento foi acusado de destruir a solenidade do culto divino. Este movimento teve também consequências de carácter político. Tendo atingido as treze colónias começou a criar-se um senso geral de comunidade que contribuiu para a criação dos Estados Unidos. Este reavivamento começou em 1734, envolveu muitos pregadores, atingindo o seu ponto máximo em 1740.

Whitefield (1714-1770) Foi membro do Clube Santo em Oxford. Era amigo dos Wesley. Conheceu Edwards, e Tennent. Foi o mais famoso evangelista da sua época. Viajou sete vezes às colónias americanas e participou no primeiro Grande Despertamento. Viajou por todas as colónias durante 31 anos (1738-1769) pregando o reavivamento.

No final do século XVIII, após o término das guerras, começou um segundo Avivamento coincidente com a adopção da nova constituição do país. Cansadas pela guerra, as igrejas estavam em condições para novo reavivamento e cumprir a sua missão em tempo de paz. Este Avivamento, na sua primeira fase, não foi caracterizado por explosões emotivas como o primeiro. As pessoas começaram a encarar a fé com mais seriedade, a reformar os seus costumes de acordo com a fé. Recomeçara um movimento de santidade por todo o lado.

O mais notável terá sido o que aconteceu no estado de Kentucky, em Cane Ridge. O pastor da igreja, presbiteriano, programou e anunciou uma reunião de acampamento a fim de despertar a fé dos habitantes locais. Dezenas de milhares de pessoas compareceram ao evento, uns por motivos religiosos, outros simplesmente por interesse social. Enquanto os pastores pregavam, inesperadamente irromperam as emoções por todo o lado. Enquanto uns choravam, outros riam, tremiam, e alguns saíam correndo.

Outros pastores que estiveram presentes naquela reunião, que durou uma semana, quiseram também celebrar reuniões de acampamento. O resultado importante deste segundo Avivamento foi a sua contribuição para derrubar as barreiras étnicas e denominacionais, pois acorriam às reuniões pessoas de todos os movimentos e muitas contavam as suas experiências de conversão.

A principal figura deste avivamento foi Dwight L. Moody que, nos finais do século XIX, se dedicou a pregar às massas, tanto em Inglaterra como nos Estados Unidos com excelentes resultados. Cerca de 30 ou 40 mil pessoas foram atingidas com o evangelho e 150 novas igrejas foram acrescentadas. Moody teve logo inúmeros imitadores e deste avivamento surgiram as igrejas de santidade de cariz metodista Wesleiano.

XIII

O AVIVAMENTO PENTECOSTAL

No início do século XX irrompeu um movimento espiritual que tem sido chamado “a terceira força da cristandade”. O século dezanove foi um período de mudanças na política, na ciência e na religião. A cristandade experimentara a sua maior expansão e a fé mais difundida. Porém, o espírito racionalista havia-se instalado e alguns pensadores sobrevalorizaram a interpretação racional das Escrituras. Eles desacreditavam o sobrenatural ensinando que Jesus era um mero homem. Em 1835 apareceu um livro de grande circulação, “A Vida de Jesus”, de Frederico Strauss, tentando demonstrar que os evangelhos não passavam de mitos e lendas.

Isto provocou um novo interesse pela investigação e muitos teólogos se levantaram em defesa da verdade bíblica. O grande movimento originado pelos irmãos Wesley apelava para uma segunda experiência cristã após a salvação, a que chamavam inteira santificação. Constava do ensino de que a segunda experiência dotaria o crente do revestimento de poder. Estavam ansiando experimentar o mesmo que os primitivos cristãos de acordo com o relato dos Actos dos Apóstolos.

Os começos (1900-1901)

Um grupo de 35 estudantes, na Escola Bíblica Betel, em Topeka, no Estado do Kansas, foram incumbidos pelo seu professor de buscar nas Escrituras a evidência do baptismo no Espírito Santo. O seu estudo levou-os a concluir que a evidência da dita experiência é o falar em línguas conforme o relato no livro de Actos dos Apóstolos. Os alunos fizeram uma vigília de ano novo e a experiência veio conforme esperada. A primeira a ser baptizada no Espírito Santo, Miss Agnes Ozman, conta-nos como foi.

“Na vigília tivemos um culto abençoado, orando para que a bênção de Deus caísse sobre nós assim como o ano novo chegava. Durante o primeiro dia de 1901 a presença do Senhor estava conosco nitidamente. Eram quase onze horas, pedi que alguém pusesse as mãos sobre mim para eu receber o dom do Espírito Santo. Quando as mãos foram postas sobre a minha cabeça o Espírito veio sobre mim e comecei a falar em línguas, glorificando a Deus”.

Quando o professor, Charles Parham, ouviu o relato dos acontecimentos recebeu a mesma experiência. A partir daí aconteceu o mesmo com outros e o movimento pentecostal havia desabrochado. Este mesmo professor iniciou uma Escola Bíblica em Houston, no Texas. William Seymour, um pastor negro da Igreja de Santidade, em Los Angeles, foi assistir e ficou contagiado pelo ambiente.

Então, Seymour foi convidado pelo pastor duma igreja de santidade na Califórnia a fim de ali pregar. Quando voltou a Los Angeles o seu ensino acerca das línguas, como evidência do baptismo no Espírito Santo, foi rejeitado. Seymour teve de sair e procurar outro lugar para pregar o evangelho. Encontrou uma velha igreja metodista na Rua Azusa e aí continuou a pregação pentecostal e, em Abril de 1906, um grupo de crentes era baptizado no Espírito Santo falando

novas línguas. Os cultos eram marcados por cânticos espirituais, manifestação dos dons, curas milagrosas e o batismo no Espírito Santo.

A notícia do reavivamento espalhou-se de tal forma em toda a nação e até exterior, que de todas as partes, muitos visitavam a Missão da Rua Azusa para observar os factos. É considerado significativo o facto de que pretos e brancos estivessem a adorar juntos à medida que o Espírito Santo enchia os seus corações de amor uns pelos outros.

Como resultado da Missão Azusa o movimento do Espírito espalhou-se pelas Américas, enquanto noutras localidades da Europa estavam recebendo a mesma experiência pentecostal. Uma das igrejas de santidade que aceitou o avivamento pentecostal foi a Igreja de Deus, em Cleveland, que havia sido iniciada em 1884. Outra foi a Igreja de Deus em Cristo, em Memphis. E muitas outras igrejas, por toda a parte, aderiram ao despertamento. A este mover do Espírito Santo em todos os grupos pentecostais passou a chamar-se “Movimento Pentecostal”.

A partir de Azusa formaram-se várias igrejas independentes, cujos ministros realizaram o seu primeiro Concílio Geral de 2 a 14 de Abril de 1914, em Hot Springs. Participaram nele cerca de 300 delegados procedentes de todos os grupos pentecostais independentes. Ali foi redigida uma declaração de princípios de igualdade, unidade e cooperação, com reconhecimento da soberania local. Aqui surgiram as Assembleias de Deus na América do Norte, que em 1917 contava já com 517 pastores no interior e 56 missionários no exterior, não deixando de crescer o número de ministros. A sua forma de governo é congregacional, cujo lema é autonomia, comunhão e cooperação.

A sua primeira acção conjunta foi editar um jornal e uma revista que servissem a todos como factor de união. Eram eles o “Word and Witness” mensal, e “The Cristian Evangel” semanal. Estas duas publicações foram, mais tarde, aglutinadas numa só que recebeu o nome “The Pentecostal Evangel”, editado presentemente.

A educação não foi descurada. Em 1922 foi iniciado um Instituto Bíblico, nas classes da Escola Dominical, para preparação de ministros, e em 1924 começou a edificação do primeiro edifício para o “Central Bible Institute”, cujos alunos são recebidos por todas as igrejas nos Estados Unidos e muitos vão para o estrangeiro como missionários. Outros institutos e escolas bíblicas foram aparecendo por toda a parte a fim de satisfazer as necessidades locais. (Para mais, ver “História da Igreja Cristã” por Jesse Lyman Hurlbut, cap. 27).

A Reforma no Brasil

Várias tentativas foram realizadas para evangelizar o Brasil. Primeiro apareceram os huguenotes que deixaram ali os seus primeiros mártires (1555-1558). Os holandeses e os morávios também ali deixaram a semente do evangelho. Porém, coube a Robert Kalley, médico escocês, o privilégio de iniciar o trabalho com algumas famílias da Ilha da Madeira, que o acompanharam na fuga à perseguição que lhes fora movida pelos adversários da reforma. O médico missionário fundou assim a Igreja Fluminense, em 1885, no Rio de Janeiro.

Os pastores suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, que haviam aceitado a experiência pentecostal na América, sentiram a chamada para rumar até ao Pará, no Brasil. A 19 de Novembro de 1910 chegaram a Belém, e dirigiram-se à Igreja Baptista, a cuja denominação pertenciam, e cujo responsável local era o português José Plácido da Costa. Após aprenderem o português iniciaram o seu trabalho de evangelismo e ensino com o zelo pentecostal.

Ali, a primeira pessoa a receber o baptismo no Espírito Santo, tal como no princípio, foi Celi-na Albuquerque, a 8 de Junho de 1911. Depois, a acção do Espírito atingiu muita gente que se viu envolvida no movimento pentecostal. Não tardou a serem expulsos do templo e tiveram de procurar onde adorar e proclamar o evangelho total. Decorridos dez dias foi iniciada, com dezoito crentes, uma nova igreja no Brasil, a qual foi a primeira a adoptar o nome de Assembleia de Deus. Esse grupo cresceu até ao ponto de tornar-se a maior igreja missionária no Brasil.

XIV

A REFORMA EM PORTUGAL

É do conhecimento geral que a Reforma não trouxe uma influência significativa ao nosso país. Embora algumas personalidades tenham viajado pela Europa e até contactado com reformadores, isso não afectou o pensamento religioso contemporâneo. Ainda que alguns escritos seus tenham chegado ao nosso país só alguns privilegiados, em secreto e sujeitos a perseguição pelo Santo Ofício, puderam tomar conhecimento deles.

Há notícia que D. Afonso V, em 1451, antes de chegar a inquisição, mandou queimar obras de Wycliff e de Huss. E D. Manuel I, a pedido do papa, proibiu a divulgação das obras de Lutero. Mas, apesar da perseguição à literatura reformista ela continuava a chegar clandestinamente para compradores certos, ávidos por novos conhecimentos.

Alvores da Reforma

Dentre os muitos personagens que terão contribuído para os alvores da Reforma em Portugal será conveniente recordar alguns que considero principais.

A rainha D. Leonor de Lencastre (1458-1525), mulher de D. João II, que herdou dos pais a gosto pelas letras, em 1495, mandou imprimir a “Vida de Cristo” de Rodolfo da Saxónia. E em 1497 foi impresso, no Porto, outro livro importante em português, provavelmente também por ordem sua, “Os Evangelhos e as Epístolas”. Estas duas obras terão contribuído para o alvorecer da Reforma em Portugal?

Gil Vicente (1465-1536) provavelmente foi influenciado por leituras de Erasmo e Savonarola. Em 1502 iniciou a representação dos seus Autos, na corte de D. João II, criticando os vícios sociais, sobretudo do clero e da nobreza, num estado decadente em toda a Europa. Por exemplo, o investigador Marcel Bataillon é de opinião que o Auto da Cananeia parece conter uma paráfrase do Salmo 51, semelhante à de Savonarola. O mestre Gil não escapou às malhas da Inquisição. Algumas das suas obras constaram no Index de livros proibidos. Porém, o nosso dramaturgo morreu antes que fosse encarcerado.

Damião de Gois (1502-1572) foi o maior humanista português e livre pensador. Natural de Alenquer, aos onze anos passou a viver na corte, onde teve como companheiro de brincadeira o príncipe que viria a ser o futuro rei D. João III. Quando este subiu ao trono nomeou Damião para a Feitoria de Portugal na Holanda. Nas suas viagens teve ocasião de ouvir Lutero, de tomar até uma refeição com ele, e de conhecer Melanchton. Também conviveu algum tempo com Erasmo sendo seu hóspede durante quatro meses.

Gois interessava-se pelo saber e procurava constantemente aumentar os seus conhecimentos. Entre as suas obras de escritor e cronista do rei D. Manuel, são de referir duas de cariz religioso explanando o sistema, teologia e tradições da Igreja Etíope. Toda esta sua actividade trouxe-lhe alguns problemas com a Santa Inquisição, a qual procurava impedir que as novas ideias corrompessem a mente dos portugueses.

Houve então uma regular troca de correspondência entre Damião e o cardeal D. Henrique, que era o inquisidor-mor. Gois apresentou o seu protesto ao cardeal. O cardeal, que mantinha uma certa consideração pelo escritor, enviou-lhe uma carta amistosa, a qual transcrevo na íntegra:

“Damião de Gois: Por ser cá ordenado que os livros novos que vieram de fora, primeiro que se vendam, sejam vistos por um oficial da Santa Inquisição, como a vossa obra veio foi ter à sua mão, o qual achou nela muitas coisas boas, somente uma coisa o ofendeu: as razões que o embaixador do Preste nela dá sobre as coisas da fé contra o bispo adaião e o Mestre Margalho irem mui fortes, e as que eles dão contra o embaixador serem mais fracas. E dando-me ele conta disto, sem embargo de eu saber vós serdes tal pessoa e de tão boa consciência, contudo, assim pelo cargo que tenho como pela obrigação em que vos sou, assentei que sobrestivesse na venda dos ditos livros, por me parecer que vós assim o haveríeis por bem pelo que dito tenho. E vos rogo, pois sabeis que gente é a portuguesa e quanto folga de repreender, que daqui em diante empreendais antes obra de outra qualidade, que eu sei quão bem vós sabeis fazer. E vos agradecerei muito se me escreverdes novas de Alemanha e da Dieta e particularidades dela, porque folgarei de o saber por carta vossa. Escrita em Évora, 24 de Julho, Jorge Coelho, secretário a fez, de 1541. – Iffante dom amrique”. (in, O Alvorecer da Reforma em Portugal, pg.137).

Um certo Simão Rodrigues, jesuíta traidor e confessor do príncipe, acusou Damião, perante a Inquisição de Lisboa, de ser inclinado às heresias de Lutero, aos 5 de Setembro de 1545. Porém, esta denúncia permaneceu inactiva até 1571, ano em que foi retomado o seu processo. Entretanto, Gois havia publicado a sua obra-prima, a Crónica do rei D. Manuel, a qual lhe causou os maiores dissabores.

Finalmente, a 4 de Abril foi preso e encarcerado na masmorra secreta, onde nem sequer podia ter um livro para ler. Durante um ano compareceu a dezoito vezes perante os juizes inquisidores. Ele chegou a pedir aos frades, “pelas cinco chagas de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”, que o despachassem. Após um ano de sofrimento, e depois de lhe permitirem regressar a sua casa, numa manhã de Janeiro, foi encontrado morto junto à lareira. Então apareceu a pergunta: “Quem matou Damião?”

D. João IV, rei de Portugal, assinou em 1641 um tratado com Carlos I, da Inglaterra, garantindo aos súbditos britânicos a liberdade de consciência e religião. Como resultado foi estabelecida a primeira igreja reformada para estrangeiros em Portugal.

João Ferreira de Almeida (1628-1691), convertido na Indonésia, recebeu a sua educação teológica na Igreja Reformada da Holanda, sendo o primeiro português a ser ordenado ministro do evangelho, mas para servir no estrangeiro. Sentindo a necessidade que o povo de língua portuguesa, na Indonésia, tinha de ler as Escrituras na sua própria língua, entregou-se à tarefa e foi o primeiro tradutor da Bíblia, a partir das línguas originais, para o português. O Novo Testamento foi editado em 1681. Ainda conseguiu traduzir o Antigo Testamento até Ezequiel, antes da sua morte. A parte restante ficou a cargo dum colega seu, que era judeu convertido, e a terminou em 1694. Contudo, a publicação integral da Bíblia só aconteceu em 1809.

JOÃO FERREIRA DE ALMEIDA

Nascimento: nasceu em 1628, em Torre de Tavares, Concelho de Mangualde, Distrito de Viseu. Cedo ficou órfão de pai e mãe e muito novo foi viver com um tio padre em Lisboa.

Aos 13 anos empreende a emigração para a Holanda, terra do humanista Erasmo, ninguém sabe porquê. Pelas pesquisas que fiz ousei dizer que João Ferreira de Almeida descenderia de cristãos-novos.

As Sentenças da Inquisição de Coimbra, do Cartório Dominicano Português, a pp. 144 e 269, relatam a sentença de membros das famílias Ferreira e Almeida por práticas judaicas na vila de Lamego, nos finais do século XVI.

Ora, nos princípios do século XVII havia membros das famílias Ferreira e Almeida em Torre de Tavares, ascendentes do tradutor, cujos pais terão sofrido o castigo da Inquisição por suas práticas judaicas, tendo João ficado órfão e ao cuidado de seu tio que era padre, reeducado pelos Jesuítas.

Passado algum tempo emigra de novo, agora para Java, na Indonésia, que os holandeses haviam conquistado aos portugueses em 1641. Em Java leu um folheto intitulado “Diferença da Cristandade da Igreja Reformada e da Romana” e converteu-se integrando-se na Igreja Reformada Holandesa.

Aos 17 anos sentiu a falta do texto bíblico em português e começou a traduzir o Novo Testamento a partir do latim, a par com as versões espanhola, italiana e francesa, que terminou aos 40 anos.

Aos 20 anos casou com a filha de um pastor holandês e viajou até à Índia e Ceilão (a Taprobana de Camões). Aos 28 anos foi ordenado pregador na Igreja Reformada Holandesa.

Entusiasmado, empenha-se no estudo das línguas originais, hebraico e grego, e prossegue na tradução da Bíblia, chegando somente até Ezequiel 48.21, vindo a falecer a 6 de Agosto de 1691, com 63 anos. Um colega judeu, Jacob, op den Akker, concluiu o seu trabalho. Este relacionamento é outro motivo que parece apoiar a ideia de que João seria descendente de cristãos-novos.

Foi o 1º português protestante a ser *evangelista e pregador ordenado*. 1º *missionário protestante português* na Índia pós Reforma. O 1º *tradutor da Bíblia em português*.

Antes dele, fala-se do protestantismo de Damião de Gois (encontrado morto na sua casa depois de sofrer nas masmorras da Inquisição) e Francisco Xavier de Oliveira, (o Cavaleiro de Oliveira) queimado em efígie em 1762.

Consulta:

Deus, o Homem e a Bíblia, Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, 1992.

Sentenças da Inquisição de Coimbra, Arquivo Histórico Dominicano Português, Porto, 1982.

Sociedade Bíblica em Portugal

Um facto importante aconteceu no início do século XIX com a implantação em Portugal da Agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em 1809, para a disseminação das Sagradas Escrituras. A partir daí muitos percorreram o país distribuindo a Bíblia ou porções da mesma. Eles lançaram a semente que haveria de dar fruto mais tarde.

Como resultado das reformas do Marquês de Pombal foi editado em Portugal, na língua portuguesa, o famoso livro de John Bunyan “O Peregrino”, no ano de 1778.

Os primeiros frutos

O cirurgião escocês Robert Kalley e sua esposa chegaram à ilha da Madeira com a fé evangélica em 1838. Em sete anos organizaram, no Funchal, a primeira igreja presbiteriana. Em 1846 foi-lhes movida uma feroz perseguição religiosa que os obrigou a fugir, assim como cerca de dois mil fiéis. Os missionários e alguns crentes rumaram para o Brasil, onde fundaram a Igreja Fluminense no Rio de Janeiro, que mais tarde passou a fazer missão em Portugal. Passados trinta anos, a mesma igreja foi reorganizada no Funchal por António de Matos, que também fugira à dita perseguição.

Robert Stewart, capelão da comunidade escocesa de Lisboa, começou a pregar aos portugueses cerca do ano 1860. Passados seis anos era estabelecida no continente a Igreja Presbiteriana. Os Metodistas organizaram-se no Porto, em 1871, sob a liderança do missionário inglês Robert Moreton, também dirigente da Sociedade Bíblica. Após nove anos foi organizada a Igreja Lusitana. Os irmãos iniciaram a sua actividade em 1877, e a conhecida Igreja das Amoreiras foi implantada em Lisboa. A Igreja Congregacional, fruto missionário da Igreja Fluminense, no Brasil, apareceu em Lisboa no ano de 1880. Os Baptistas chegaram aos Açores em 1880, e ao continente passados oito anos.

Missões mais recentes

A Acção Bíblica é uma organização missionária, com sede na Suíça, que iniciou o seu trabalho em Portugal entre 1921/23. A Aliança Evangélica Portuguesa foi estabelecida em 1921 sob a liderança do Rev. Eduardo Moreira. A Igreja luterana começou com visitas esporádicas do pastor brasileiro Rudolf Hasse, em 1952, chegando outro pastor, definitivamente, dez anos mais tarde. O Exército de Salvação foi fundado em Inglaterra pelo pastor metodista William Booth, com características militares, a fim de responder às necessidades sociais e implantou-se em Portugal, no Porto, em 1972. A Igreja do Nazareno estabeleceu-se no Continente em 1973 como resultado do êxodo de cabo-verdianos em busca de trabalho. A Igreja de Cristo, iniciada nos Estados Unidos em 1809, chegou a Portugal entre 1969-1981, sendo o trabalho consolidado pela vinda do casal missionário Sara e Richard Robison.

Os pentecostais

Da igreja de Belém irradiou o movimento pentecostal por todo o Brasil e também Portugal. O seu primeiro missionário foi Plácido da Costa, o qual enviaram a Portugal a fim de trazer a mensagem pentecostal à terra lusa em 1913. Havendo dedicado a sua missão especialmente ao norte do país, onde plantou algumas sementes, teve de regressar ao Brasil. Depois enviaram, com sustento da Suécia, o português José de Matos que, percorrendo o país, foi fundar a primeira igreja pentecostal em Portimão, no Algarve, em 1923/24.

Entretanto, Daniel Berg juntou-se ao irmão Plácido e estabeleceram a Assembleia de Deus na cidade do Porto em 1932. O missionário sueco Jack Hardstedt sentiu a chamada para rumar

até Lisboa onde alugou uma capela católica, na Rua da Verónica, para celebrar os primeiros cultos, também com dezoito pessoas. A 13 de Maio de 1934 foram celebrados os primeiros baptismos. A partir destas três cidades expandiu a mensagem pentecostal por todo o país até chegar a ser o maior agrupamento evangélico.

A Igreja de Deus implantou-se em Portugal em 1965. O trabalho entre ciganos começou em 1966, no Norte, mas Igreja Evangélica Cigana impôs-se no País em 1972. Como resultado da liberdade alcançada na revolução de 25 de Abril têm chegado a Portugal, recentemente, imensas igrejas de expressão pentecostal ou carismática de difícil enumeração. Logos, Peniel, Livramento, etc.

MONTE ESPERANÇA. A Quinta do Vale das Maias, em Fanhões, foi comprada pela Missão das Assembleias de Deus nos Estados Unidos, em Julho de 1974, cujo missionário, Samuel Johnson, veio a Portugal para o efeito. Logo começaram as obras para edificar o Instituto Bíblico que temos presentemente. No seu primeiro ano lectivo, em 1975/76, graduou vinte e cinco alunos. E já graduaram aqui mais de trezentos que estão servindo espalhados pelo mundo. Em Abril de 1994 deu início ao quarto ano, especialmente para aqueles que estão no activo.

DESAFIO JOVEM. O seu primeiro obreiro e fundador foi o Pr. Joaquim Lucas da Silva, que em Agosto de 1978 inaugurou o primeiro Café Convívio, em Lisboa. Depois de muitas lutas foi comprada a Quinta onde se encontra o a Sede do Centro, e as obras da primeira fase ficaram concluídas em 1981. A seguir o Pr Lucas foi coadjuvado no serviço pelo irmão Leonídeo Ascensão. Com o apoio legal do Desafio Jovem dos Estados Unidos começou a funcionar com resultados positivos. Presentemente conta com vários Centros de Recuperação de toxicodependentes.

Características Histórico-Teológicas

Podemos considerar cinco as características histórico-teológicas que distinguem a igreja pentecostal.

1. Novo nascimento pela graça de Deus mediante a fé no sacrifício de Cristo.
2. Santificação pela graça de Deus e acção do Espírito Santo nos crentes.
3. Baptismo por imersão aos arrependidos que crêem na divindade, no sacrifício e na ressurreição de Cristo.
4. Baptismo no Espírito Santo para todos os salvos cumprirem o ministério da reconciliação.
5. Distribuição dos Dons Espirituais aos santos para edificação da Igreja de Cristo.

ALMEIDA GARRETT E O EVANGELHO

A religião do Evangelho, da qual disse Rousseau, que se não fosse divina merecia sê-lo, é a natural protectora dos direitos do homem, declarativa da sua igualdade, funda-se na liberdade, prega, aconselha, ordena o amor da ordem e da justiça.

Uma religião que declara e professa ser o Criador o único árbitro e senhor do Universo, todos os homens iguais diante dele, que promete amparo ao fraco e desvalido, castigo ao soberbo e opressor, que declara uma comum origem de todos os homens, é a mais certa e a mais poderosa base da liberdade que pode entrar na moral pública dos povos.

O espírito do Cristianismo quebra os ferros dos escravos, consola os oprimidos, consola os fracos, promete justiça aos agravados e a espada do seu Deus está, como a de Démocles, suspenso por um fio sobre a cabeça dos reis, lembrando-lhes a todo o instante que há leis superiores às deles, leis que igualam os homens na presença do supremo Árbitro de tudo.

Os conselheiros dos déspotas, a oligarquia que os rodeia, bem viram onde o espírito de tal religião havia de levar os homens, apenas eles tivessem luz bastante para conhecerem e entenderem a sua verdade e pureza.

Exterminá-la não podiam; adulterá-la e pervertê-la foi o seu expediente. Então se formou essa funesta liga sacrilegamente chamada "do trono e do altar", como se o trono levantado para padrão e tribunal de justiça, o altar erguido à majestade de Deus, pudessem jamais prostituir-se para tais fins, sem perder a sua augusta natureza. Formou-se a liga; mas foi entre os tiranos que abusavam e deturpavam o trono e entre os sacerdotes que profanavam o altar. Invocou-se o nome de Deus para ultrajar o Evangelho, para calcar aos pés a religião, para a perverter e destruir. Os sacerdotes sacrílegos fizeram leis suas e blasfemaram, chamando-as de Deus: os reis sancionaram e invocaram a blasfêmia dos sacerdotes para as fazer acreditar divinas e cumprir como tais.

A pureza, a simplicidade e a divindade do Evangelho perdem-se entre as máximas infernais dos sacerdotes blasfemos e a religião divina de Jesus Cristo tomou-se instrumento de crimes, capa de vícios, esteio de tirania, facho de discórdias, flagelo de crudelíssima perseguição. Os ministros da Palavra que, no princípio da Igreja tanto se tinham aproveitado das luzes e instrução para convencer do erro e da idolatria e da vaidade do filosofismo, agora se declaram inimigos das luzes e as apagam por toda a parte. Fez-se crime até da leitura dos Livros Santos, chamou-se sacrilégio até o estudo da Lei de Deus. Ignorância crassa, estúpida, o maior inimigo do Cristianismo, incompatível com uma crença que eleva o espírito, exalta o coração: a ignorância foi feita virtude primeira e cardeal da religião do Redentor.

Assim a religião cristã que favorece, prega e ensina a liberdade, foi feita o maior e mais poderoso auxiliar dos déspotas. Não necessitamos deduzir mais documentos: basta citar apenas a Inquisição e está tudo dito.

In, Almeida Garrett - "Portugal na Balança da Europa" (1799-1854).

XV

EXCESSOS DA REFORMA

A Reforma, com a sua liberdade de expressão, também produziu movimentos espirituais, ou místicos, à margem de qualquer igreja instituída. Sujeitos a revelações desprezaram a orientação da Bíblia e dos ministérios que Cristo entregou à sua Igreja. Refira-se, como exemplo, três dos mais destacados.

1. Os Quakers apareceram pela primeira vez na Inglaterra. Certa vez, George Fox (1624-1691) foi desafiado, em 1643, juntamente com outros amigos puritanos, para uma sessão de bebida na condição de o que desistisse primeiro pagaria a despesa. Fox ficou desiludido e deixou a igreja. A partir daí começou a sua busca da verdade espiritual, a qual parece ter atingido passados três anos. O Cristianismo passou a ser para ele uma experiência mística, uma forma de viver orientada por revelação do Espírito Santo.

Começou a sua pregação e em 1652 podia reunir um grupo de seguidores, que não simpatizavam com os dogmas da Igreja oficial, para ouvirem os seus ensinamentos. No princípio chamavam-se a si mesmos “Filhos da Luz” vindo mais tarde a chamar-se “Sociedade dos Amigos”. O tratamento de Quakers terá aparecido pelo facto de tremerem em momentos de êxtase espiritual.

Fox rejeitava qualquer forma de igreja, ou de organização eclesiástica, assim como quaisquer rituais. Ensinava que as mulheres tinham os mesmos direitos concernente aos dons do Espírito e governo da Sociedade. Em virtude da perseguição anglicana muitos procuraram refúgio na América. Mas ali também sofreram perseguição por causa das suas doutrinas. Encontraram, todavia, segurança em Rhode Island onde havia liberdade para todas as formas de culto.

Robert Barclay (1648-1690) foi o teólogo da Sociedade dos Amigos. A sua obra “Defesa dos Quakers” revela a essência da sua teologia. O Espírito era o único Revelador de Deus e a Fonte de luz que ilumina o homem. A Bíblia não passava duma regra acessória às revelações do Espírito, por isso colocada ao mesmo nível da inspiração de qualquer dos Amigos. Sustentavam que as revelações a um “Amigo” não contradiziam a Bíblia nem a razão. Com esta luz interior prescindiam dos ministérios dados à Igreja. Como os sacramentos do baptismo e Santa Ceia eram espirituais não precisavam de símbolos nem cerimónias. Ensinavam a não tomar parte na guerra e a escravidão era combatida entre eles. Os juramentos em tribunais foram proibidos e as honras humanas rejeitadas. A disciplina era rígida ao ponto de excluir quem se casasse com fora da Sociedade.

Um dos dirigentes, William Penn (1644-1718), recebeu de Carlos II uma faixa de terra onde viria a fundar a primeira cidade quaker “Filadélfia”. Este território tornou-se o estado da Pensilvânia. Então convidou todas as seitas perseguidas na Europa a refugiarem-se ali. Eles têm dedicado a sua missão especialmente ao serviço social e à educação. Todos os nascidos de

pais crentes são considerados membros com direitos iguais aos que requerem ingresso na Sociedade.

2. Os Unitários, que são a descendência dos antigos arianos do quarto século, apareceram inicialmente, nos Estados Unidos, como uma escola de pensamento dentro dalgumas igrejas. A primeira igreja a aceitar as suas ideias era Protestante Episcopal, a qual em 1785 deixou de reconhecer a doutrina da trindade. Eles consideram a Bíblia como uma valiosa coleção literária sem autoridade alguma sobre os crentes. Crêem que Deus é uno e não uma trindade. Dão muita ênfase à humanidade de Cristo, enquanto negam a sua divindade e consideram o Espírito Santo uma influência divina. Mais de cento e vinte igrejas congregacionais americanas se tornaram unitárias, inclusive a fundada pelos peregrinos do Mayflower em Plymouth.

3. A Ciência Cristã apareceu como movimento por arte de Mary Baker Eddy em 1867. Ela havia sido muito enferma desde a mocidade, motivo pelo qual chegou a usar morfina. Por fim recorreu a um certo curandeiro, Quimby, que afirmava ser a enfermidade um erro relacionado com o estado mental. O simples facto de conhecer a verdade podia libertá-la. Depois de experimentar a cura formulou as suas ideias e dedicou-se a divulgá-las.

Passados oito anos, Mary publicou o seu livro “Fé e Ciência” com uma chave das Escrituras, o qual se tornou o manual de doutrina, havendo atingido 382 edições. Ela seguiu a mesma ideia de que a doença era um erro mental que podia ser corrigido sem médicos nem medicamentos. Bastaria aceitar a ciência que Jesus empregou para os seus pacientes e que ela havia descoberto.

Em 1879 fundou oficialmente a Igreja Científica de Cristo com sede em Boston. Para evitar desvios doutrinários Mary tomou algumas medidas acautelares. Declarou que a vinda de Cristo havia acontecido na inspiração que recebera para escrever o seu livro. Os sermões foram substituídos pela leitura alternada da Bíblia a par com os comentários do livro “a fim de que não se misturem erros humanos com a doutrina divinamente inspirada”. Para o efeito há um só leitor que dirige o culto e é alternado com outros. As suas igrejas recebem a doutrina através de conferencistas enviados pela Igreja-Mãe. Ninguém sabe o seu número de membros, pois o manual proíbe a contagem do povo e a divulgação de dados estatísticos.

Apesar da promessa das suas doutrinas Mary passou os seus últimos anos cheios de dor e inquietação. Para aliviar as dores atrozes em seu corpo teve de voltar às frequentes doses de morfina, vindo a morrer em 1910.

Muitos outros apareceram cuja consideração cabe na disciplina de heresiologia.

ESQUEMA DO PERCURSO DA REFORMA

PRINCIPAIS EVENTOS

